

EXTRA: FABRICANTES DE AUTOMÓVEIS  
QUEREM AUMENTOS DIÁRIOS  
PARA OS CARROS!

SERÁ QUE VÃO DAR  
AUMENTO DIÁRIO NOS  
SALÁRIOS TAMBÉM?



# BRASIL AGORA

JÁ VI GOVERNO NA BASE  
DO DEVAGAR E SEMPRE,  
MAS ESTE É O PRIMEIRO  
SEMPRE DEVAGAR!



ANO II Nº 37

19 DE ABRIL A 2 DE MAIO DE 1993

CR\$ 35.000,00



FOTOS: MARINA AZEVEDO

# QUEM TEM MEDO DE LULA PRESIDENTE?

*Enquanto recebe ataques de adversários políticos, Lula organiza sua campanha contra a fome, conversa com empresários, discute um programa de governo e já não é um bicho-papão para os militares.*

**PÁGINAS 5 A 9**

**CADEIA  
PARA  
COLLOR**

**PÁGINAS 3 E 11**

**ITAMAR,  
CADA VEZ  
PIOR**

**PÁGINA 5**

**ELEIÇÕES  
NA CUT**

**PÁGINA 13**

**PLEBISCITO  
NA  
RÚSSIA**

**PÁGINA 14**

## PESAR

Faleceu na madrugada do dia 12, em Belo Horizonte, Pedro de Alcântara Moreira, membro da Executiva Nacional da CUT, dirigente da FASUBRA, militante do PT, partido pelo qual foi membro do Diretório Nacional; amplamente reconhecido como um dos mais lúcidos e mais dedicados sindicalistas brasileiros. Pedro, paulista de nascimento, vivia desde 1978 em Belo Horizonte, cidade que adotou.

Deixa sua companheira, Auxiliadora, duas filhas, e muitos amigos, vários deles na equipe do **Brasil Agora**. A perda que sofremos com sua morte é um golpe duro.

Temos, porém, muito com que nos consolar: em 40 anos de vida exemplar, Pedro lutou pelas boas causas, amou e foi amado, construiu grandes amizades, marcou profundamente os que o cercaram. Não será esquecido.

JOÃO MACHADO

## PRECISA ACORDAR

As manifestações contra o aumento abusivo das mensalidades escolares demonstram mais uma vez o potencial do movimento estudantil e a fragilidade do PT neste importante segmento social.

O PT deveria levar mais a sério este movimento, colocar sua infra-estrutura material à disposição e elaborar uma estratégia de intervenção dentro dos CAs, DAs, e DCEs. Não podemos mais ser atropelados pelo PCdB e MR8, que utilizam as entidades como objeto de clientelismo e manipulação política.

Um bom exemplo foi a passeata na avenida Paulista: o caminhão de som era da CGT e os diretores da UNE ligados ao PT não puderam falar. Enquanto o Lindbergh Farias pede democracia nas escolas, pratica uma verdadeira ditadura na entidade, pronunciando-se inclusive contra as eleições diretas para a UNE.

Gostaria de prestar solidariedade ao companheiro Ernani, diretor da UNE ligado ao PT, que denunciou na grande imprensa a maracatuia na impressão das carteirinhas, com provas documentais de superfaturamento e favorecimento na licitação. Desmascarou o presidente da UNE, que não apresentou uma defesa convincente.

VAGNER ROBERTO DE LIMA  
São Paulo, SP



**DIRETOR:** JOÃO MACHADO. **EDITOR:** JOSÉ AMÉRICO DIAS. **EDITOR DE ARTE:** CACO BISOL. **REDAÇÃO:** ANTONIO MARTINS, FLÁVIO AGUIAR, HAMILTON CARDOSO, MOUZAR BENEDITO, VALTER POMAR. **SECRETARIA:** ADÉLIA CHAGAS. **SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL:** LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTONIO SCHUSTER. **COPIDESQUE E REVISÃO:** CEISO CRUZ. **DIGITAÇÃO:** ELIZABETE D. DA SILVA. **EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:** JOTA E FABIANO CIAMBRA. **PRODUÇÃO GRÁFICA:** FABIANO CIAMBRA. **COLABORADORES:** ALIAN RODRIGUES, ALÍPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLUS, CINTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMILSON DE SOUZA, ELIANA ALVES DE MORAES, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FLAMARION MAUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, FLÁVIO PACHALSKI, GENARO URSO, HELIO SILVA, HUGO SCOTTE, IVAN SEIKAS, ISAAC AKCELRUD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ ROCHA, JUAN PEZZUTTO, JUAREZ GUIMARÃES, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO AURÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSSON, MARINGONI, MARISA MELANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIRA, MILTON FOGO, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, NORMA SUELI O. REIS, NORA NAPOJI, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNÉLIS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAIMUNDO PEREIRA,

**BRASIL AGORA**

ROGÉRIO SOTTILI, RUI FAICÃO, RUTH BUENO DE ARAUJO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WILDMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

**BRASIL AGORA** É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 222.6318/222.4326/220.7718 FAX: (011)222.2865. **ADMINISTRAÇÃO:** M<sup>o</sup> ALICE DE P. SANTOS. **ASSISTENTE:** IVANILDA ALVES. **DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO (COORDENAÇÃO GERAL):** MARIA ODETE G. DE CARVALHO, JOSÉ LUIS NADAI. **GERENTE DE DESENVOLVIMENTO:** PAULO M. SOLDANO. **GERENTE DE MARKETING:** ÉDER DE ARAUJO SANTOS. **ASSINATURAS:** ANA MARIA ALVES, GUIBA GENESTRA (DIGITAÇÃO), PAULO E. SOLDANO, MÔNICA MENDES MARTINS, ANA CLÁUDIA F. GONCALVES, REINALDO LAFORDYA, ELIZABETE BERNARDO (RIO DE JANEIRO 021-222.4818), JOSÉ VITAL (FORTALEZA 085-252.1992), MOISÉS BALESTRIC (PORTO ALEGRE 051-2217733), JOSÉ MARIA R. DE SOUZA FILHO (BELÉM 091-224.8579), ANTONIO DE PADUA BORGES (CEBOIA) (BELO HORIZONTE 031-222.3811). **EXPEDIÇÃO:** JOÃO A. GUEVARA. **SERVIÇOS GERAIS:** EUSILANDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCILENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. **IMPRESSÃO:** DIÁRIO DE MOGI. **DISTRIBUIÇÃO:** DINAP S/A. **TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:** 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 15 DE ABRIL DE 1993. **JORNALISTA RESPONSÁVEL:** JOSÉ AMÉRICO DIAS

## LEI DAS PATENTES:



## FALHA DE MEMÓRIA?

Não me causou surpresa a decisão da ex-prefeita Luiza Erundina, de aceitar o cargo de ministra no governo Itamar, mas o modo como ela o aceitou. Não é o fato em si que está em jogo, mas a essência da questão, o lado moral, aquilo por que toda sociedade hoje clama: probidade, ética e respeito.

O PT tem uma carta de princípios e os filiados concordam com os seus termos. Erundina, como uma das fundadoras do partido, foi idealizadora desta carta, mas tudo indica que no primeiro lampejo de poder esqueceu tudo. Será que para ela prevaleceu o princípio de que a lei só é pra alguns?

O que a ministra deveria ter feito era comunicar o convite ao PT e responder ao presidente que aceitaria dependendo da decisão do partido. Deste modo ela teria prestado o devido respeito.

O que ela espera agora? Que o partido acate a sua decisão, porque ela foi prefeita de São Paulo? Por isto se julga no direito de adequar o regulamento de acordo com seu interesse? Como fica o restante dos filiados?

EVILÁSIO GONZAGA DA ROCHA  
Fortaleza, CE

## ERUNDINA, LÁ

Os "geninhos" do partido que se cuidem e se acostumem com a idéia. Com toda certeza Luiza Erundina, nossa companheira, muito em breve irá brilhar como mulher alguma brilhou neste país. Me lembro nitidamente de uma gelada tarde de setembro, antes da eleição municipal que vencemos em São Paulo. Estávamos reunidos no Largo da Vila Alpina, para um comício. Estava presente apenas a militância daquela região.

Abraciei-me a ela, que naquele momento encontrava-se de pé em frente ao palanque vazio. Puxei-a para perto de mim e falei perto do seu ouvido: "Te prepara que serás nossa prefeita".

Ela me olhou confusa e desconfiada. Insisti no assunto, porque senti que precisava deixá-la preparada para o fato de que eu tinha convicção do que iria acontecer.

Logo após a posse de Erundina, eu a encontrei no portão de entrada da Regional Vila Prudente. Nos abraçamos. Olhei em seus olhos e eles pareciam pirilampus brincando entre as sombras escuras do pátio arborizado.

Faz muito tempo que eu não abraço essa companheira, mas

tenho acompanhado os seus passos a distância e também guardo com carinho meu vestido verde de franjas indianas, pois em breve irei usá-lo para subirmos juntas a rampa do Planalto.

ZILDA DIAS  
Birigüi, SP

## EXPULSÃO JÁ!

Parabéns ao **Brasil Agora**, desejo muito sucesso. Mesmo tendo no meio de seus membros trabalhadores cultos e honestos, há uma criatura do atraso aí, um

crítico subjetivo e arrogante. O que manda democraticamente é a maioria. Expulsem o Valter Pomar e o jornal será ainda melhor. Valter Pomar é uma pedra no sapato da Articulação e até do PT.

JOSÉ BEZERRA  
Campinas, SP

## PUXÃO DE ORELHA

Tenho proferido muitas palestras para alunos, pais e professores de escolas estaduais do 1º e 2º graus, em Araçatuba, sobre o presidencialismo. À medida que pesquiso e falo sobre o sistema de governo, mais me convenço de que fiz a opção correta e de que o PT acertou em seu plebiscito interno.

Mal percebem os parlamentaristas e os monarquistas (eles ficam no mesmo saco) que a instabilidade política da República se dá devido a nossa arcaica estrutura econômica e sua atrasada elite. Os parlamentaristas não percebem que o sistema de governo apregoado por eles beneficiará ainda mais a oligarquia, que sempre dominou este país desde o seu descobrimento. Não é à toa que a Fiesp é parlamentarista.

As mudanças estruturais no Brasil só acontecerão quando os 80% da população, que são trabalhadores, quiserem. Não adianta maldizer o povo, ele é o senhor da história. A transformação só virá dos sofridos e desacomodados da estrutura sócio-econômica. A sabedoria popular percebeu a manobra parlamentarista de se apresentar como panacéia para todos os males do Brasil.

A base do PT já vem puxando as orelhas de suas lideranças há tempos, devido à sua elitização. O Partido dos Trabalhadores, como opção de participação política que lhe dá nome, não pode se distanciar dos descamisados, não pode só falar para aqueles que têm emprego garantido ou são organizados. O PT precisa ser a voz de quem não tem voz ativa na sociedade brasileira, não pode se transformar em um PSDB melhorado, ou seja, com base social. A base do partido vem falando isto quando tem oportunidade de se manifestar, por isso optou pelo presidencialismo. Uma sábia decisão.

HÉLIO CONSOLARO  
Araçatuba, SP

## AMERICA LIBRE

Foi lançada no início de 1993 a revista **America Libre**, em espanhol. Como explica seu diretor, Frei Betto: "Pautada no Brasil, editada na Argentina e impressa no Chile... nasce na esteira de tantas outras revistas de âmbito latino-americano, como **Nuestra America**, de José Martí, e **Amauta**, de José Carlos Mariátegui".

Os membros brasileiros do Conselho Editorial de **America Libre** são Leonardo Boff, Chico Buarque, Gilberto Carvalho, Luís Eduardo Greenhalgh, Fernando Moraes, Eric Nepomuceno, Emir Sader. O seu primeiro número traz entrevistas com Leonardo Boff, Adolfo Perez Esquivel e Rigoberta Menchu; e os artigos "Alternativa Socialista na América Latina e no Caribe", de Frei Betto, "Dominação Capitalista e Projetos Populares na América Latina", de Fernando Martinez Heredia, "A Luta contra a Lei de Empresas Públicas" (isto é, a lei das privatizações derrotada no plebiscito no Uruguai), de Hugo Cores, entre outros.

No Brasil, **America Libre** pode ser encontrada na CEPIS - Rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes, São Paulo - SP - Tel: (011)864-6162 e na Livraria do Museu - Rua do Catete, 153 - Rio de Janeiro - RJ - Tel: (021)205-0603

## ASSINE O BRASIL AGORA E VOE DE GRAÇA PARA CUBA

Fazendo uma assinatura de apoio do **Brasil Agora** em duas vezes, você ajuda a construir uma imprensa crítica e livre, e ainda concorre a uma viagem de uma semana a Cuba, incluindo passagem aérea, traslado de chegada e saída, visto, seguro de viagem e 6 diárias com meia pensão no Hotel Tuxpan, na maravilhosa praia de Varadero.

DE GRÁTIS ATÉ EU QUERO, ... GARGOM... MANDA UMA ASSINATURA E UMA GARRAFA DE RUM!



PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA. Alameda Glete, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones (011) 222.6318, 222.4326

NOME \_\_\_\_\_

ENDEREÇO \_\_\_\_\_

CIDADE \_\_\_\_\_

FONE \_\_\_\_\_ UF \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

PROFISSÃO \_\_\_\_\_

- Assinatura 12 edições Cr\$ 385.000,00
- Assinatura para o exterior (semestral) US\$ 30,00
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 760.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 1.200.000,00

ESTA PROMOÇÃO É VÁLIDA PARA ASSINATURAS DE APOIO FEITAS A PARTIR DE 21/01/93. SERÁ SORTEADA UMA VIAGEM NO 2º SORTEIO, DIA 07/06/93 NA SEDE DO JORNAL

# Prisão só para pobres

No Brasil, as classes dominantes ficaram sempre à margem da Justiça Penal. É exatamente por esse motivo que o Código Penal é chamado "Código dos pobres", mesmo porque seus dispositivos somente alcançam as classes populares. Uma visita às nossas delegacias de polícia e aos nossos estabelecimentos penais convence dessa triste realidade. Lá se encontram os pobres e aqueles que a própria sociedade marginalizou e que corrompeu com a violência e com o menoscabo pela sua dignidade.

Os remediados ou ricos, quando infringem a lei penal, contam a seu favor, primeiro, com a boa vontade de seus iguais, na Polícia, no Ministério Público e no Judiciário, e depois com

a habilidade de advogados da maior competência na distorção da verdade que a Justiça quer ver apurada.

Cadeia no Brasil é apenas para o despossuído. E a grita é grande quando - aplicada a lei - um desses pobres diabos alcança a liberdade antes do cumprimento integral da pena, porque teve, depois de uma luta insana, reconhecida a possibilidade de reintegrar-se à comunidade. Mas voltará a delinquir, afirma-se. O que é, realmente, verdade, porque, em liberdade, tudo lhe será negado e a reincidência será uma consequência quase inevitável.

**OS RICOS?** Quanto a estes, que respondem seus processos em liberdade, nenhuma crítica se faz. Afinal, eles são nossos iguais...

Hoje, porém, já começam a surgir reações. Por que pessoas que cometeram crimes contra o povo, mediante o uso e o abuso da corrupção, podendo influir na colheita das provas ou mesmo subtrair-se ao cumprimento da pena, devem permanecer em liberdade, gastando o dinheiro roubado e exibindo-se nas praias, nos iates e até em viagens de recreio ao exterior?

Diz-se que as nossas leis processu-

ais penais não permitem o encarceramento provisório ou preventivo dessas pessoas.

Não é bem assim.

A prisão preventiva, demonstrado o delito e existentes indícios de autoria, pode ser decretada pelo juiz. Basta que o queira.

Os comentaristas do vetusto Código de Processo Penal, quando examinam o instituto da prisão preventiva, asseveram: "Trata-se de medida de se-

gurança com que se evita o prosseguimento da atividade criminosa do agente, com o aliciamento de testemunhas, de uma garantia de execução da condenação impedindo que o agente, condenado, frustre a aplicação efetiva da

pena. É, ademais, um meio de instrução, pondo termo às manobras e expedientes de que lance mão o acusado para inutilizar, modificar ou alterar a obtenção da prova. Desde que se afirme ao juiz poder a ação do indiciado, em liberdade, ser prejudicial, pela possibilidade de advir dano, fa-lo-á prender preventivamente."

**OS INTOCÁVEIS.** No caso do ex-presidente Fernando Collor e sua quadrilha, não se sabe por que não se adotam essas medidas, cabíveis até mesmo como garantia da ordem pública, tal o alarma provocado pelas práticas delituosas, materialmente provadas e cuja autoria é por igual insofismável.

O restabelecimento da democracia passa, sem dúvida, pelo restabelecimento da confiança do povo em sua Justiça. Já é tempo, pois, de quebrarmos o comodismo com o qual nos habituamos, de que a Justiça Penal tem apenas o endereço dos pobres, para que ela seja, realmente, igual para todos, apunhando todos, não importa se ricos ou poderosos, quando rompidas as barreiras da legalidade.

\*Hélio Bicudo é deputado federal do PT/SP

*A prisão de Collor poderia ser feita até como garantia da ordem pública. Não se sabe por que essa medida não é adotada.*



## EDITORIAL

### QUEM TEM MEDO DE LULA

**Q**uem tem medo de Lula predidente? Com este mote, o jornal *Brasil Agora* ouviu empresários, políticos, militares e o próprio Lula, procurando montar um painel de opiniões e análises sobre um eventual governo de esquerda no Brasil. A antecipação do processo sucessório, determinada pela vitória iminente do presidencialismo no plebiscito do dia 21, ao lado do esvaziamento do governo Itamar, estimula o debate sobre os grandes problemas nacionais mais uma vez não resolvidos e os rumos do país para além de 94. Polêmico em sua entrevista, Lula questiona a resistência de setores do próprio PT contra uma política ampla de alianças e defende a continuidade de seus contatos com o empresariado que tanta repercussão tem gerado na imprensa e no interior de seu próprio partido. Ao mesmo tempo, posiciona-se em favor de mudanças estruturais no país, ataca os especuladores e a maioria da elite brasileira que faliu junto com o governo Collor. Nas outras matérias sobre o tema, *Brasil Agora* traz pontos de vista interessantes de empresários como Emerson Kapaz, ex-candidato de oposição à direção da FIESP em São Paulo; de políticos, como o senador do PSDB, José Richa; e até uma matéria sobre a mudança de postura dos militares em relação à esquerda (páginas 5 a 9).

Registre-se ainda nesta edição matérias sobre o governo Itamar (página 4); os primeiros cem dias das administrações municipais petistas (página 11); e a análise do filme polêmico sobre o líder negro norte-americano Malcolm X, de Spike Lee (página 16). E, com base em opiniões de juristas, como Hélio Bicudo, o *Brasil Agora* defende a prisão preventiva do ex-presidente Collor e de sua quadrilha, cujo pedido será julgado nos próximos dias (páginas 3 e 11).

O EDITOR

## Não virou manchete

**A**ssunto de repercussão na imprensa, mas que atulmente merece poucas linhas, é a situação dos funcionários da Rede Manchete de TV.

O empresário Hamilton Lucas de Oliveira, do grupo IBF, revista Visão, DCI e TV Jovem Pan, adquiriu parte do patrimônio dos Bloch em junho de 1992. Na época já se questionava a origem do dinheiro; simultaneamente, ferviam comentários do super endividamento da empresa.

Porém o sonho do empresário durou pouco. Os fantasmas do esquema PC Farias foram descobertos e o milagroso dinheiro, depositado nas contas dos amigos do rei, ficou escasso.

Os dois andares, do prédio imponente da Editora Bloch, onde funcionava a Rede Manchete, na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro, estão paralisados. Os 1.300 funcionários não recebem o salário nem o 13% desde dezembro. A greve segue para o quarto mês ininterrupto.

Nas demais praças da TV (Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Fortaleza) os funcionários, quando recebem uma parte do pagamento, retornam ao trabalho, mas com a suspensão o recurso utilizado é recorrer novamente à greve.

Todo este cenário coloca em xeque um assunto antigo, o monopólio dos meios de comunicação. Luta antiga dos trabalhadores, que sempre esbarraram em empecilhos de ordem e vontade po-

lítica. Em uma radiografia do Brasil, na área das comunicações, é fácil verificar: não há um canal controlado pelos próprios trabalhadores. No comando não faltam empresários e políticos.

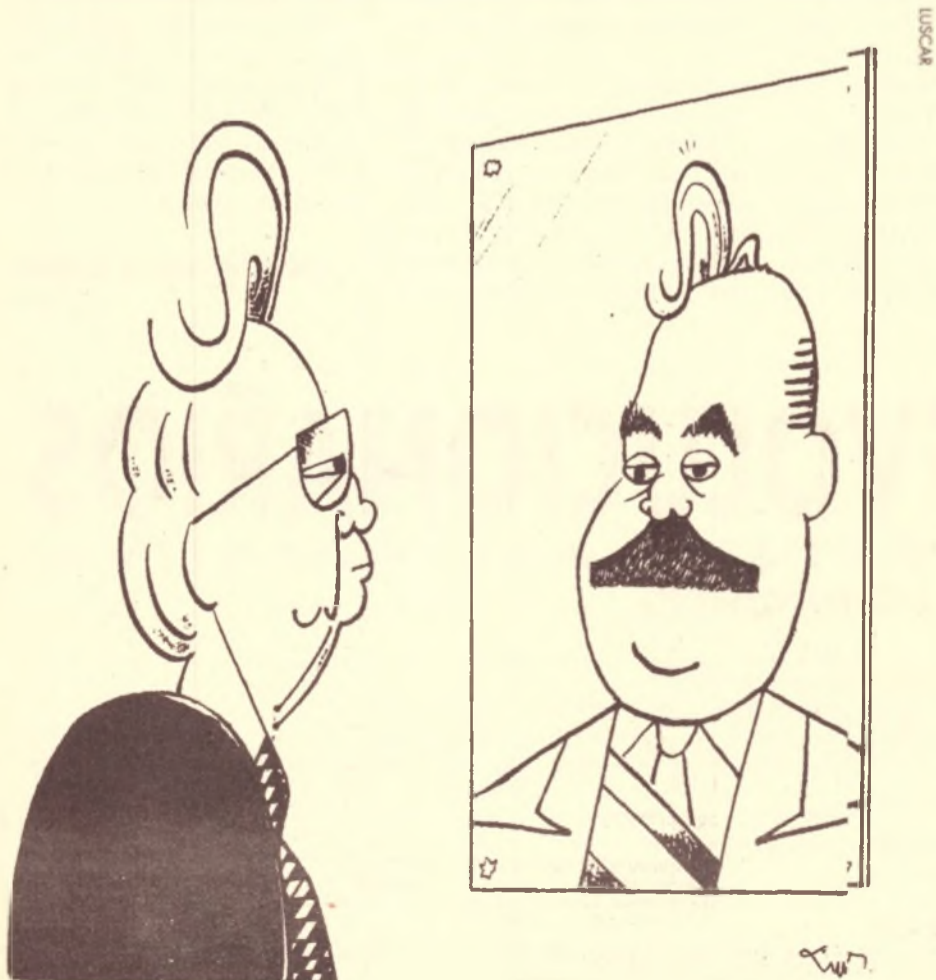
Como em Brasília já é tida como certa a cassação do canal, das mãos de Hamilton Pereira, surge um novo impasse. Para a resolução são apresentadas duas propostas distintas. De um lado está o comando de greve (sindicatos dos Radialistas e Jornalistas do Rio de Janeiro); de outro, a CUT.

Devido às pressões vivenciadas pelos trabalhadores que não recebem há quatro meses, os grevistas procuram uma solução mais imediata. Aguardam o resultado de um estudo do Banco Pactual, sobre a possibilidade de empresários assumirem mais rapidamente a concessão.

A CUT e o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo defendem uma alternativa a mais longo prazo. Apostam na possibilidade de criar uma Fundação Privada composta por empresários, governo, trabalhadores e entidades da sociedade civil, como a ANDES, CNBB e a OAB.

Talvez não seja possível viabilizar esta saída, devido à emergência determinada pelo desespero dos trabalhadores que não recebem salários e a posição claudicante do governo. Mas a posição da CUT tem o mérito de questionar a forma como são barganhados os canais de TV no Brasil.

ADÉLIA CHAGAS



# O avesso do avesso

O presidente mostra que é mais que um mero vice de Collor. Azar do Brasil.

O governo Itamar acabou mesmo, como afirma o prefeito Paulo Maluf? Segundo o ex-deputado federal Getúlio Dias, do PDT, estamos vivendo um "itamarismo". Já um político do PSB diz que o presidente Itamar preside um "governo espasmódico". Depois do leilão de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional, o governador Leonel Brizola afirmou que este é um "governo de traição nacional", "talvez mais lesivo" do que o de Collor. Estas são opiniões de políticos, mas o que é que pensa a opinião pública? O instituto DataFolha fez uma pesquisa e constatou que em seis meses o presidente Itamar Franco atingiu índices de popularidade piores do que os de Fernando Collor.

Se o governo não acabou, como diz Maluf, para onde ele caminha? Itamar convocou uma reunião ministerial para o próximo dia 24 para responder a esta questão. Para exorcizar o fantasma do imobilismo que o atormenta, ele promete anunciar um plano de ação governamental que está sendo assado nos fornos das cozinhas do ministro da Fazenda, Eliseu Rezende, e da ministra Yeda Crusius, do Planejamento. Itamar jura que não haverá choques nem congelamento, mas apenas medidas para combater a inflação e ajudar a estabilizar a economia. Quem tem dinheiro para aplicar não acredita nessas promessas. Somente na primeira semana de abril houve saques (fuga líquida) de Cr\$ 5,8 trilhões dos fundos de investimentos, num sinal evidente de que os aplicadores temem a decretação de um



ROBERTO JAVME/FOLHA IMAGEM

Itamar: credibilidade em franca decadência

novo pacote econômico e não põem muita fé na firmeza do governo.

**MISÉRIA.** Para o deputado Tilden Santiago (PT-MG), ouvido pelo **Brasil Agora**, "o Itamar não conseguiu definir um rumo para o governo porque ele não percebe que o Brasil está dividido entre uma pequena minoria que detém quase toda a riqueza e uma grande maioria que não participa hoje sequer do processo de produção, que dirá do consumo. Sem proposta, ele perdeu o grande apoio de que dispunha quando assumiu". O arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, declarou à imprensa que também está cético. "O governo Itamar não está com jeito de que vai tirar o Brasil da crise", disse Dom Paulo, responsabilizando a área econômica por falta de ação. "Não dá mais para pagar juros quando o país passa fome. É preciso dizer às autoridades estrangeiras que nos deixem em paz, precisamos comer."

"Comer", aliás, parece ser uma das palavras mágicas do plano que Itamar pretende

apresentar ao país no dia 24. Um de seus objetivos é centralizar 17 programas de combate à miséria, hoje espalhados por diversos ministérios. Haveria uma dinamização desses programas, que prevêm a distribuição de feijão e leite para populações carentes, apoio a pequenos produtores, concessão do vale-gás para as famílias que consomem apenas 60 quilowates de energia elétrica por mês, substituição do serviço militar em áreas de pobreza por programas de formação profissional etc, etc. Campo para esses programas não falta: existem hoje 32 milhões de brasileiros vivendo literalmente na miséria. Mas de onde o governo vai tirar recursos para custeá-los, se a economia não voltar a crescer?

O plano de Itamar, já apelidado de "Plano Ponte", para lembrar que este é um governo de transição, englobaria, entre outras medidas, além da questão da fome, a emissão de um novo título público de curto prazo para facilitar a rolagem da dívida interna, a ampliação do programa de privatização das estatais, a adoção de uma

nova lei de combate aos abusos econômicos etc.

**OS OTIMISTAS.** Há os pessimistas que não apostam um pedaço de fumo no atual governo. Mas há também os otimistas. Alguns analistas econômicos, o ministro do Trabalho, Walter Borelli, e o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega entre eles, juram que a economia voltou a crescer desde o final de 1992, entre outras razões porque solucionou-se a crise política do *impeachment*, os juros baixaram um pouco, elevaram-se os gastos do Tesouro etc. Só que este crescimento, admite o ex-ministro Mailson, entrevistado pela **Folha de S.Paulo**, não tem sustentação porque está baseado apenas na ocupação da capacidade ociosa das empresas. Se a demanda continuar no mesmo nível atual, o risco é um aumento dos preços, o estouro da inflação, já que os empresários não estão fazendo investimentos para ampliar a produção, esperando a definição de regras mais estáveis. Leia-se: eles esperam a revisão constitucional, marcada para ter início no mês

de outubro, quando deverá surgir uma nova crise política, desta vez derivada da discussão sobre a extensão que a revisão deve ter.

**A "HONRA".** Ao responder às "vozes sinistras", isto é, aos presidencialistas que o criticaram (Lula, Brizola, Maluf), Itamar afirmou que as dificuldades que enfrenta ("a recessão, o desemprego, a miséria e a pobreza") não foram inventadas por ele, Itamar, que está no governo apenas há seis meses. Ninguém disse que foi ele que inventou tais problemas. O problema é que Itamar tem se mostrado absolutamente incapaz de, até mesmo, abordá-los. Agora, ao invés de atacá-los de frente, Itamar prefere tentar amaciar os seus críticos. Depois de fazer as pazes com Antônio Carlos Magalhães, ele anunciou a disposição de ficar de bem com Brizola e Maluf.

O ministro da Justiça, Maurício Corrêa, enquanto isso, tenta articular uma frente de governadores para congelar a campanha presidencial já em curso. Quanto aos críticos mais firmes, como o jornalista Luís Nassif, que acusou o governo de provocar um prejuízo ao patrimônio público de 535 milhões de dólares, "por baixo", com a maracutaia da privatização da Companhia Siderúrgica Nacional, Itamar acena com o rigor da lei. Resolveu processar Nassif para defender a sua "honra".

Itamar, para onde vai? Ninguém sabe. Se a pergunta for feita a Eliseu Rezende, no entanto, ele sabe. Na terça-feira, dia 13, Eliseu anunciou que o governo pretende acelerar as privatizações de maneira radical. Estariam incluídas no plano a Companhia Vale do Rio Doce, uma das maiores do mundo, a Telebrás, sete hidrelétricas e três termelétricas do sistema Furnas, e até mesmo a Petrobrás. Itamar, descobre-se, agora, não é apenas o vice de Collor, mas, talvez, também o avesso de seu avesso.

ANTÔNIO CARLOS QUEIROZ  
de Brasília

ITAMAR DA VALE GÁS  
PROS POBRES PRA  
PODER CONTINUAR  
COZINHANDO O GALO!



## JORNALISTAS e REVOLUCIONÁRIOS

NOS TEMPOS DA IMPRENSA ALTERNATIVA  
de BERNARDO KUCINSKI

Um livro polêmico, 400 páginas de narrativa imperdível. A história da imprensa alternativa dos anos 70 e dos partidos clandestinos que a apoiavam.

**Venda direta do autor para o leitor, com 25% de desconto sobre o preço das livrarias. Apenas Cr\$ 324.000,00.**

Preencha o cupom e envie-o juntamente com seu cheque nominal a favor de Bernardo Kucinski. **Você receberá o livro em casa, por correio, remessa registrada.**

Para mais informações, ligue (011) 263.8859.

SR. BERNARDO KUCINSKI  
CAIXA POSTAL 61050 CEP 05071-970 SÃO PAULO/SP  
PEÇO QUE ME ENVIE \_\_\_\_\_ EXEMPLAR(ES) DE "JORNALISTAS E REVOLUCIONÁRIOS"  
ESTOU JUNTANDO O CHEQUE DE PAGAMENTO, NOMINAL E CRUZADO.  
NOME: \_\_\_\_\_  
ENDEREÇO PARA ENTREGA: \_\_\_\_\_  
CIDADE: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

# Adivinhe quem vem para jantar

Encontros de Lula com empresários incomodam muita gente

Primeiro foi uma reunião com latifundiários goianos. Em meados de março, foi um jantar com 25 empresários no apartamento de José Baia Sobrinho, dono do Banco Pontual. Depois foi na casa de Emerson Kapaz, candidato derrotado à presidência da Fiesp, com mais 18 empresários. E, no dia 5 de abril, um jantar com 16 empresários na casa de Hélio Mattar, coordenador do Pensamento Nacional das Bases Empresariais.

Os encontros entre Lula e os empresários foram qualificados como "secretos e cheios de suspense" pela imprensa, que não deixou claro que o convite e a decisão de fazer reuniões discretas partiram dos próprios empresários.

Segundo Hélio Mattar, "na medida em que Lula é presidente de um partido forte, os empresários têm interesse em conhecê-lo pessoalmente", já que "a imagem pública do Lula não necessariamente vai coincidir com sua imagem privada. Frente a frente, descontraído, Lula vai poder colocar com menos defesas suas posições e suas dúvidas."

Mattar identifica, entre os empresários, "uma resistência histórica a Lula e ao PT, fundada na maioria das vezes no preconceito e na desinformação". E Kapaz diz que é preciso "quebrar preconceitos de ambos os lados, porque no PT também existe a visão de que todo empresário é sacana, só quer espolar."

Kapaz acha que, entre os empresários, vem diminuindo muito a resistência contra Lula. "Há um reconhecimento de



Kapaz: preconceito das duas partes.

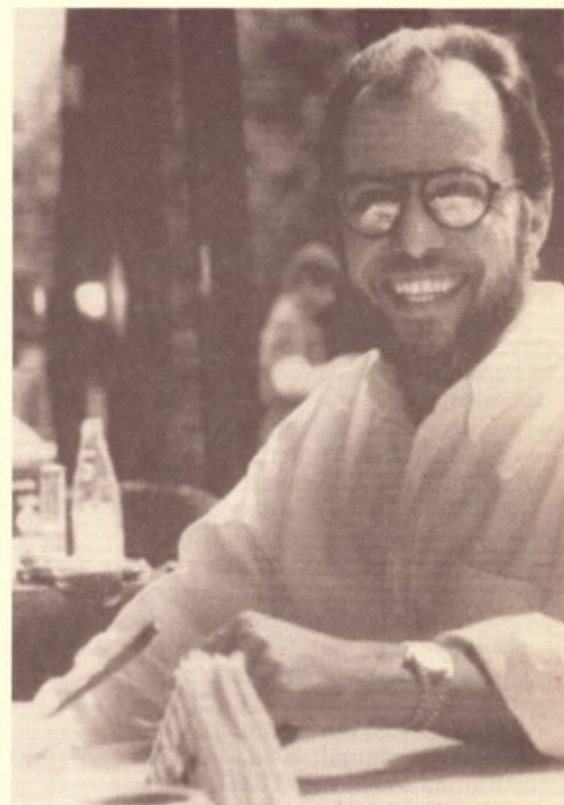
que ele amadureceu, compreendendo a necessidade de uma ampla articulação política e social". Hélio Mattar acha que as reuniões contribuíram para isso: "Alguns dos empresários entraram com forte dose de preconceito e desinformação e saíram com outra visão sobre o que são as idéias de uma ala do PT, majoritária pelo que sabemos, que reconhece o papel da iniciativa privada, mas não numa perspectiva neoliberal".

Outro que considerou "oportuno e proveitoso" o contato com Lula foi Alcides Amaral, vice-presidente do Citibank: "Da mesma forma que no nosso passado longínquo e recente temos participado de *breakfast*, almoços e jantares com políticos do PDS, PFL, PMDB etc., inclusive o ex-presidente Fernando Collor, essa foi uma oportunidade impar de conhecer um pouco melhor as idéias e objetivos desse político

polêmico e vencedor que é o sr. Lula, líder do PT. Embora existam, obviamente, opiniões divergentes, existem, igualmente, opiniões convergentes. Tanto o PT quanto nós concordamos que existe uma grande dívida social no país a ser quitada. Que nossa economia precisa crescer, que temos que atrair e incentivar investimentos privados, sejam eles internos ou externos".

Ao mesmo tempo em que elogiam a disposição mútua de diálogo, os empresários fazem questão de destacar as divergências.

Segundo Hélio Mattar, Lula defendeu que o Estado continue atuando nos "setores estratégicos, mas não ficou claro como eles serão definidos". Ao mesmo tempo em que sentiram uma "certa abertura para a gestão privada das atividades públicas, os empresários se sentem desconfortáveis com a possibilida-



Mattar: reforma tributária.

de dos setores estratégicos serem definidos com base em critérios não só econômicos, mas também políticos e inclusive corporativos".

Outro ponto destacado por Mattar é a reforma tributária. "Lula parece pensar que apenas o bom uso dos recursos públicos já redundaria numa redução da sonegação fiscal. Nós achamos isso insuficiente: é preciso uma reforma fiscal, com redução das alíquotas e simplificação dos tributos."

Os empresários se preocupam também com o "assembleísmo" do PT: "De repente muda tudo, e nós ficamos a ver navios". E se pergunta: "Será que os setores mais arejados do PT

têm consciência de que vão ter que ceder? Será que eles têm disposição para brigar, dentro do PT?"

Mais objetiva, a revista *Exame* foi além: "Se o presidente do PT está mesmo mais amadurecido, por enquanto isso se resume à disposição de conversar com empresários, antes qualificados de responsáveis pela desgraça nacional. Toda vez que é chamado a abandonar o terreno das generalidades, o PT não hesita em lembrar que suas idéias e objetivos não mudaram. Moderação apenas não é suficiente para transformar água em vinho".

VALTER POMAR

## PLEBISCITO

# Acabou-se o que era doce

A vitória do presidencialismo esquenta o debate político

Em artigo publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, o deputado federal José Serra (PSDB-SP) atacou duramente a opção presidencialista do PT. Segundo Serra, "não está assegurada a vitória de Lula nas eleições presidenciais, principalmente no segundo turno". E se ganhar, Serra considera que "o mais provável" é que Lula não consiga formar uma maioria estável no Congresso. Sem essa maioria - "e, sobretudo, sem hegemonia efetiva na sociedade" - Lula "não conseguiria organizar um governo competente, forte, e implantar as reformas", sendo obrigado ou a retroceder em relação a seus pontos de vista, descharacterizando-se; ou seria tentado a lançar-se num confronto temerário com o Congresso, perigoso para ele e para a democracia, como, aliás, aconteceu no Chile de Allende".

Se o objetivo de Serra era

ganhar apoio entre os parlamentaristas petistas, não parece ter tido sucesso. Basta dizer que foi Marco Aurélio Garcia, secretário de Relações Internacionais do PT e adepto do sistema de gabinete, quem respondeu ao artigo de Serra. Mesmo a "Declaração" assinada por Paulo Freire, Marilena Chauí, Carlos Zaratini e pelo vereador Chico Whitaker, entre outros, é extremamente cautelosa: "O voto livre e secreto é uma das grandes conquistas da humanidade. O direito de votar segundo a convicção e a consciência de cada um é condição fundamental para o pleno exercício da cidadania. O PT se gestou neste espírito democrático. Considerando que estão sendo levantadas dúvidas quanto ao respeito, pelo partido, a esse direito, a partir da confirmação, pelo Diretório Nacional, do caráter imperativo do resultado do plebiscito interno sobre siste-

ma de governo, nós, filiados do PT, abaixo assinados, declaramos publicamente que votaremos no dia 21 de abril de acordo com nossa opção pessoal".

O texto cuidadoso revela, indiretamente, que se reconhece a legitimidade da opção presidencialista, emanada de um plebiscito interno onde votaram 69.049 filiados, sendo 50.412 presidencialistas, 17.353 parlamentaristas, 719 brancos e 565 nulos.

**ANTI-LULA.** Na verdade, como lembrou Marco Aurélio Garcia, o objetivo de Serra parece ser outro: atingir a candidatura Lula. Para Wladimir Palmeira, líder da bancada petista na Câmara dos Deputados, o problema é que "o PSDB acha que a esquerda não deve chegar nunca ao poder. Serra disse, num debate, que quando a esquerda chega ao poder no presidencialismo, ou ela trai, ou é derruba-

da por um golpe de Estado".

Wladimir Palmeira acha que o presidencialismo facilita as coisas para um governo de esquerda, que pode influenciar o Parlamento combinando a ação de uma bancada de esquerda - mesmo minoritária -, com o movimento de massas. "No parlamentarismo não: sem maioria no Congresso, não há nem governo de esquerda, imagine governabilidade."

**GOVERNABILIDADE.** Que, como bem lembra o deputado federal José Genoíno, pode ser entendida de duas maneiras diferentes: "A tradicional, que tem significado a manutenção do *status quo*; e a que interessa ao PT, que significa a sustentação política e social de um governo Lula para realizar reformas".

Adepto deste segundo conceito de governabilidade, Genoíno lembra que ela supõe construir uma maioria social,

principalmente entre os trabalhadores organizados, mas também nas áreas empresariais que não desejem torpedear um governo Lula; e supõe construir uma maioria na área política, através de uma aliança com partidos de centro-esquerda. Que Genoíno continua achando possível, mesmo com a opção do PT pelo presidencialismo, e apesar da resistência de setores do PSDB. Que segundo Genoíno, são os mesmos que até o plebiscito interno de 14 de março defendiam a aliança entre tucanos e petistas.

Quem não se abala com esta discussão é o recém-fundado Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado, que decidiu-se pelo voto nulo no plebiscito: "Qualquer que seja o resultado da votação de 21 de abril, a situação dos trabalhadores e do povo só vai piorar".

VALTER POMAR

**O BRASIL INVADE PORANGABA**

Porangaba é uma cidadezinha a hora e meia de São Paulo, que até outro dia parecia ficar em outro mundo, muito longe de um país chamado Brasil. Para começar, é a única cidade que conheço que não tem banca de jornal. É verdade que quase todas as casas têm televisão, muito mais do que geladeiras e outros confortos da vida moderna. Mas, na hora do *Jornal Nacional* ou do *TJ Brasil*, o pessoal saía rapidinho de casa para tomar a fresca na praça ou uma purinha no primeiro boteco, coisa que não falta por lá. Quer dizer, sem saber das notícias do Brasil que fica fora das suas fronteiras, Porangaba seguia sua vidinha, sem grandes sustos, pouco se importando com as coisas do governo, seja o do Fernandinho da Dinda ou do seu herdeiro Itademarapior.

De repente, ninguém sabe explicar direito a razão, o Brasil invadiu a pacata Porangaba. Foi agora nos feriados da Semana Santa que deu para sentir os efeitos desta mudança radical no centenário burgo do interior paulista. Pela primeira vez, encontrei um monte de gente se queixando da vida. Não que a vida tenha piorado muito desde o Carnaval, quando estive lá pela última vez. Apenas, agora tem banca de jornais e revistas nos fundos da loja do turco Jorjão, um malufista histórico, quer dizer, pré-histórico, como todos os verdadeiros malufistas. Jorjão não só vende jornais como discute as notícias, sempre segundo a sua ótica de quem ainda acredita em Papai Noel, o que não o impede de ser dono de uma das melhores e mais generosas almas da cidade.

Para o bem ou para o mal, Porangaba acordou do seu sono eterno e começou a falar das coisas que atacam as conversas nos botecos lá da capital. Já não se fala só dos bezerras que nasceram ontem e da chuva que vai cair amanhã, sem falta. As pessoas parecem ter descoberto que há alguma ligação entre as decisões tomadas nos gabinetes de Brasília, as articulações dos partidos e dos políticos, e aquilo que acontece no dia-a-dia de cada um na hora de vender a produção ou pegar um empréstimo no banco. Até outro dia, era como se esses dois mundos não se tocassem, não tivessem nada a ver um com o outro, e política só entrava nas conversas em épocas de eleições municipais.

Em 1989, lembro que as informações sobre a eleição presidencial chegavam tão deturpadas por aqui, levadas em programas do tipo Ferreira Neto, que alguns pobres coitados, donos de meia dúzia de alqueires, pequenos proprietários como eu, venderam suas terras com medo da reforma agrária do PT e aplicaram seu dinheiro na poupança, "para se garantir". Dava dó ver o desespero deles, três meses depois, sem terra e também sem o dinheiro que o Plano Collor levou. A cabeça desse pessoal foi feita por uma mistura de UDR com o malufu-quercismo que domina os fundos do interior paulista. Lá não tem PT, não tem CUT nem sindicato de trabalhadores rurais. A opinião pública é formada na loja do Jorjão, na farmácia do Adilson, no boteco do Ângelo e os votos, em sua maioria, ainda são comprados com argumentos que vão de um boné a uma dentadura, uma churrascada ou o simples transporte grátis no dia da eleição. Algo, porém, está mudando, como pude constatar na Semana Santa. Como que conformado, dando o fato como consumado, nem alegre nem triste, apenas realista, meu bom e velho amigo Dito Martelo encerrou a conversa sem deixar brecha para contestações, e foi-se levantando:

- É, seu Ricardinho, dessa vez não tem jeito. É a vez do Lula. Vocês vão ganhar.

Um comentário como esse, em 1989, dava susto em muita gente na pequena Porangaba. Hoje, com as notícias chegando, espantando a desinformação e o medo, mal sabe o velho Jorjão que, com sua inocente banca de jornais, está ajudando a derrubar um esquema de poder que vem desde Cabral e que ele imaginava eterno.

# O PT já não é o capeta

*Em contatos informais com a área militar, nosso repórter constatou: há menos medo, mais confiança e até oficiais que podem apoiar Lula*

Os 180 generais do exército brasileiro dificilmente votarão em Lula. Seria pedir demais. A maioria não simpatiza com Lula e alguns ainda temem que ele "ceda a influências xiitas". Mas mudou radicalmente a percepção dos militares. Consideram a esquerda "mais confiável" e já há alguns focos de simpatia pelo PT entre generais mais jovens, os de brigada. Há uma sensação crescente entre os generais de que "chegou a hora do PT". É essa hora já não os assusta. Se ganhar, o Lula leva. Os golpistas que se cuidem.

A nova percepção militar nasceu do esgotamento da doutrina de segurança nacional devido ao fim da guerra fria, do profundo desgaste provocado pelos 24 anos de ditadura, "sem trazer benefícios sequer para as próprias Forças Armadas", e do achatamento salarial da oficialidade.

Era na guerra fria que se fundava a doutrina de segurança nacional, pela qual toda contestação à ordem dominante era vista como uma instrumentalização do "comunismo internacional". Não existe mais o comunismo internacional. Ficou legítimo contestar, propor mudanças estruturais, protestar, fazer greve, enfim tudo o que temos direito. Na nova doutrina, que os generais já começaram a delinear, invertem-se os sinais. Agora o povo passa a ser visto como vítima e não como inimigo. Combater a miséria e o analfabetismo passam a ser objetivos nacionais. As elites são criticadas por obstaculizarem esses objetivos: "Preciso contrariar os privilégios", diz o comandante da Escola Superior de Guerra, almirante Goulart Fortina, ao expor o embrião da nova doutrina.

**INÉRCIA IDEOLÓGICA.** Se os militares levassem às últimas consequências a nova doutrina, ainda embrionária, não só achariam natural a candidatura Lula, mas a apoiariam com entusiasmo. Pois quem, melhor do que Lula e PT, prioriza o combate à miséria no Brasil?

Não é o que ocorre. A consciência de classe e a inércia ideológica ainda mantêm os generais alinhados às elites, criticadas na doutrina oficial, e que hoje exploram a possibilidade de implodir a polarização Lula-Maluf, considerada por eles um desastre. Procuram um antídoto de esquerda ou de centro para combater o candidato da esquerda. O principal articulador dessa estratégia é o chefe da muito bem designada Secretaria de Assuntos Estratégicos, da presidência da República, o almirante César Flores. Primeiro Flores procurou articular a solução tucanos na cabeça e Lula como vice. Foi vencido pela inexorável lógica de que quem tem os canhões - no caso, os votos



- é o PT e não os tucanos. Sua opção agora é Fleury.

É outra a consciência de classe entre os oficiais jovens, sem casa própria, com filhos ainda em idade escolar, e mais atingidos pelo achatamento do soldo. Preferem algo realmente novo, uma ruptura, e nessa ordem de idéias muitos apoiam uma candidatura tipo Lula. O papel atribuído a Luíza Erundina, na concessão do aumento de 33% dos soldos militares, contribuiu para consolidar a posição do PT nessas bases, acabando com a já desgastada liderança do capitão Jair Bolsonaro, o deputado federal que aderiu ao esquema Maluf. Os militares acreditam que o aumento só saiu por causa do PT, e torcem para Erundina continuar no governo. O que é quase torcer para o PT ser governo.

**MORTOS E DESAPARECIDOS.** Também mudou a percepção militar sobre o principal contencioso Forças Armadas x PT. A questão dos mortos e desaparecidos. Nesse contencioso o comportamento do

deputado federal José Genoíno é tido como referencial. Sua imagem hoje é de um "político inteligente e sensato", que talvez precise "falar um pouco mais grosso para a sua platéia interna", mas que não insistirá em "medidas traumáticas". E as medidas não traumáticas, tais como indenizações, os militares estão mais do que dispostos a oferecer, inclusive para o que chamam de "os seus mortos e desaparecidos".

O almirante César Flores tem o projeto pessoal de permanecer no poder, mas provavelmente expressa também o receio da marinha, de que o PT congele o único projeto militar ainda ambicioso no Brasil, o projeto nuclear paralelo, que envolve algumas centenas de cientistas, com gastos da ordem de US\$ 200 milhões por ano. O PT certamente mudaria a política nuclear. Mas os interesses específicos da marinha não bastam para empurrar o conjunto das Forças Armadas para uma atitude mais agressiva contra a candidatura Lula.

**BERNARDO KUCINSKI**

**CARAVANA REALIZA SONHO DE LULA**

A partir desta sexta-feira, 23 de abril, quando for dada a largada da "Caravana da Cidadania", em Recife, Luiz Inácio Lula da Silva estará concretizando um sonho e começando a implementar o que ele considera "um dos projetos mais importantes" de sua vida. Muito mais que repetir o roteiro que fez quando criança, entre a terra natal, Garanhuns, (PE) e a Baixa da Santista, em São Paulo, Lula quer transformar a caravana no primeiro passo concreto de uma grande campanha nacional contra a fome.

"Quem está com fome não aguenta esperar. É preciso começar a reverter esse quadro agora", diz o líder petista. "A fome é um problema para ser resolvido pelos que comem e pelos que não têm o que comer." Decidido a colocar o assunto em pauta para cada brasileiro, o presidente do primeiro partido a se definir como oposição a Itamar Franco não vacilou em levar ao presidente da República o projeto de combate à fome que a Caravana da Cidadania vai ajudar a divulgar: "O PT foi o único partido a apresentar uma proposta concreta ao governo até agora".

Lula se empolga ao falar do projeto, sonha com uma mobilização que fuja dos gabinetes governamentais e dos debates entre militantes, se emociona com a perspectiva de ver os cidadãos comuns engajados na busca de alternativas, "cada um fazendo a sua parte, porque eu não tenho dúvidas de que todo mundo tem uma contribuição a dar". Por isso o empenho em garantir a iniciativa como suprapartidária e distante de qualquer travo eleitoral.

Atravessando três mil quilômetros em 25 dias, com dois ônibus, três caminhões de som e vídeo e carros de apoio, a Caravana da Cidadania quer mostrar ao país um Nordeste diferente, que pode ser verde e fértil nas terras beneficiadas por projetos de irrigação no Médio São Francisco.

"É preciso transformar a fome numa questão política prioritária neste momento", diz Lula. "É melhor fazer alguma coisa agora que ficar eternamente discutindo soluções ideais que nunca chegam." Que a Caravana da Cidadania seja só o começo.

**T.S.**



Valério Arcari (PST-Unificado)



Aldo Rebelo (PC do B)



José Paulo Bisol (PSB)



José Richa (PSDB)

## QUEM TEM MEDO DE LULA? ALIADOS

# A conversação

*Lula causa marolas: apoios, cautelas, ironias entre os aliados que procura.*

**C**autela e caldo de galinha: esta receita tradicional vem sendo adotada pelas pessoas que compõem o universo de alianças onde o PT pode pescar nas próximas eleições, das mais às menos moderadas no espectro político. Ao mesmo tempo, as conversas e jantares de Lula com empresários vêm despertando manifestações que vão do entusiasmo contido à incontida ironia.

**ELEVAÇÃO DE RENDA.** O senador José Richa (PSDB-PR) diz que "finalmente o PT e Lula entenderam que não se deve discriminar qualquer setor", que "deve-se falar com empresários, militares, trabalhadores". Ao mesmo tempo o senador ressalta que não vê quem deva temer um projeto mais progressista de governar, que, eventualmente, seja empalmado pelo PT. "Hoje as mentes estão mais abertas a um programa que priorize o social", e não apenas "entre o pessoal de esquerda. Um programa que priorize a elevação de renda da população sem filantropia", diz o senador Richa, é hoje uma prioridade nacional. Destaca também que um programa político conseqüente para o país deve priorizar a "organização de nossas instituições políticas, que são arcaicas, anti-democráticas e prejudicam o desenvolvimento social". Prioriza, portanto, "as reformas política, partidária, e as do sistema de governo e do serviço público, que deve ser organizado e profissionalizado". Destaca o senador que é cedo e prejudicial falar em frentes e campanhas: "Temos um governo novo, antecedido por um terremoto", diz, lembrando as campanhas anti-Collor de 1992. "Deve-se retardar a questão sucessória." Assinala que a provável vitória do presidencialismo, dia 21 de abril, dificulta alianças já no 1º turno, "pois os partidos, mesmo os pequenos, tenderão a lançar candi-

dados para tentar eleger deputados e governadores". "O PT", sentencia, "cometeu um erro histórico ao optar pelo presidencialismo".

**A INJUSTIÇA DE UM SALÁRIO.** O deputado Sérgio Machado (PSDB-CE), coordenador da Frente Parlamentarista Nacional, foi enfático ao declarar que "não dá para tratar de candidaturas no momento". "A prioridade é o plebiscito", diz. "Como salvar o Brasil" - esta, segundo ele, é a questão que deve nos ocupar. Qualquer que seja o resultado do plebiscito, "é necessário abrir mão de projetos pessoais, que é o que nos tem balizado nos últimos tempos. As candidaturas surgirão no momento oportuno." Como Richa, Sérgio concentra-se na questão social: "É necessário reverter a injustiça de um salário-mínimo de 60 dólares, e que parece privilégio para quem recebe, porque muitos nem isso têm". "O Brasil reclama rupturas e mudanças estruturais profundas. Só se faz isso com uma mai-

oria prévia, em torno de um programa, e que não negocie fisiologicamente."

**SAÚDE E EDUCAÇÃO.** Entre aliados tradicionais, às vezes desponta uma ponta de ironia. O prof. Horácio Macedo, dirigente no novo-antigo Partido Comunista Brasileiro, acredita que "Lula cometerá um erro se assumir uma posição mais à direita, mesmo se for direita da esquerda". Vê com preocupação Lula aproximar-se de setores irreconciliáveis com um programa de esquerda, como o empresariado. Vê três prioridades num programa de esquerda: recursos do Estado para o Nordeste e para as populações marginais, para além dos do tipo LBA; estabelecimento de uma Saúde Pública Preventiva; e educação, como uma rede pública de boa qualidade em todos os níveis.

**AMPLIAÇÃO DA DEMOCRACIA.** Já para o deputado federal Aldo Rebelo, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), "a busca de alia-

dos é um esforço importante", mas "o movimento deve ser em pinça". "Se você não consolida a sua base, o seu programa, o risco é o de diluir-se no programa dos aliados." "Não vejo crime em conversar com outras correntes da sociedade, desde que não se perda a clareza ou a nitidez do próprio programa." Para ele, essa perda vem ocorrendo no PT, e transparece em ausências do partido em campanhas importantes, como as em defesa do patrimônio público e contra o atual projeto de lei das patentes. Prioridades para um governo de esquerda? Para eles são a "relevância da questão nacional, contra a onda neoliberal; ampliação da democracia, como nas comunicações e em relação a sindicatos e movimentos sociais; e o enfrentamento da questão social, ou seja, da má distribuição de renda".

**FIM DA ESPECULAÇÃO.** "Lula está freqüentando jantares errados, e a refeição é indigesta", alfineta Valério Arcary, membro da Executiva do recém-criado

Partido Socialista dos Trabalhadores - Unificado (PST - Unificado), que inclui a histórica Convergência Socialista, que ele liderou por tantos anos dentro do PT. Em suma, diz Valério, "o Lula que organiza a caravana contra a fome se engana que vai resolver o problema jantando com os responsáveis por ela". Para Valério, Lula está diante de um dilema: "ser o Felipe Gonzales de barba ou ser o portavoiz do Brasil". Entre os pontos de destaque programáticos que o novel PST-Unificado defende, destacou a elevação geral de salários, o fim da especulação com a intervenção no mercado financeiro, o controle de preços e a reforma agrária.

**REFORMA AGRÁRIA.** Finalmente, ouvido no Restaurante Xarongas, em Passo Fundo, onde se repunha de uma extensa programação, o senador José Paulo Bisol (PSB-RS), ex-companheiro de Lula na chapa de 1989, declarou que o diálogo com os empresários "é uma iniciativa saudável, inteligente e moderna de Lula". Salientou que se deve mesmo "desradicalizar-se", e buscar uma política mais abrangente. Declarou que, numa dimensão de governo, deve-se aliar os que lucram com a situação de crise do Brasil de suas relações com o poder; mas que isso não elimina nem mesmo deve mudar a disposição de diálogo, pois em todos os setores há gente de valor e boa fé. Quanto aos problemas a serem atacados prioritariamente, destacou a necessidade de um processo distributivo que "traga para a sociedade brasileira os 30 milhões que vivem fora dela"; uma efetiva reforma agrária acompanhada de uma política agrária adequada; e o campo da educação. Enfim, seja pró, seja contra, Lula está em foco. Isto é bom?

FLÁVIO AGUIAR

## NOVO PARTIDO A RODA DA FORTUNA

**P**ara quem passou a vida recente liderando a minoritária Convergência Socialista no interior do PT o hoje majoritário Valério Arcary mostra-se modestamente feliz com a fundação do Movimento pelo Partido Socialista dos Trabalhadores - Unificado, PST-Unificado. Segundo ele, ainda não fundou-se o partido, porque este exige um programa para a Revolução Brasileira, uma "dóvida que os marxistas têm para com o Brasil". Está-se ainda num movimento, que prioriza nos próximos meses a construção de um Acordo Programático que justifique um partido.

Setecentos delegados de todo o país fundaram o movimento, reunindo agrupamentos já tradicionais e conspícuos, como a velha Convergência, as novíssimas siglas - como a Liga, capitaneada por Lúnia Gouveia e Dário Barbosa, presidente da CUT estadual do Rio Grande do Norte, e outros, como o Partido da Frente Socialista, a Democracia Operária, o Movimento Socialista Revolucionário, e o Socialismo Classista, entre vários mais. Havia uma despropor-

ção geográfica evidente: enquanto os delegados dos outros estados, inclusive do Rio, contavam-se às dezenas, os de São Paulo eram 442.

O Encontro decidiu, em primeiro lugar, criar o movimento e uma Coordenação Nacional com 27 membros que delibera por maioria de dois terços. Haverá comissões de trabalho: Organização, Sindical, Formação Política, Mulheres, Juventude. Estão na Coordenação, além de Valério e Dário, Ernesto Gradella, Enio Bucchioni, Laís Machado, entre outros. Além da esperada resolução de anular o voto no plebiscito, o Encontro decidiu-se por um chamado à união da esquerda em torno de um programa para as futuras eleições presidenciais. Segundo Valério, esta é uma condição prévia a qualquer movimento de apoio a Lula.

Por outro lado, antes do Encontro, uma parte dos grupos que compunham o universo da Frente Revolucionária, que deu origem ao PST - Unificado, rachou, criando o alinhamento da Força Revolucionária. Aguardemos.

F.A.



## SINDICATO BEM EQUIPADO FALA MAIS ALTO

*Agora é fácil falar mais alto...  
A DISK SOM tem  
o aparelho ideal para suas  
necessidades. Nunca a  
comunicação foi tão simples e  
teve tanta qualidade.*

**RAPIDEZ,  
SEGURANÇA,  
ECONOMIA**

TESTADO E APROVADO PELOS NOSSOS CLIENTES:

METALÚRGICOS DE VOLTA REDONDA  
METALÚRGICOS DO RIO DE JANEIRO  
CONDUTORES DE SÃO PAULO  
QUÍMICOS DE SÃO PAULO  
PLÁSTICOS DE SÃO PAULO  
PREVIDENCIÁRIOS DE MATO GROSSO DO SUL  
FERROVIÁRIOS DO ESPÍRITO SANTO  
RURÁIS DE XAPURI/AC  
AEROMARÍTIMOS DE RECIFE  
BANCÁRIOS DE CAXIAS DO SUL/RS

**DISK SOM** Comércio e Manutenção Ltda.

Rua Silveira Martins, 12 - Fone (011) 34.7244 - Fax (011) 35.0717 - CEP 01019-000 - SÃO PAULO/SP

**Q**uem tem medo da candidatura Lula e do governo Lula? Em função das suas alianças ele vai em que direção, contra quem e para combater o quê?

Necessariamente um governo do PT não precisaria ser contra ninguém, poderia ser a favor de alguém. Eu acho que um governo do PT tem muitas resistências e que são importantes essas resistências. É importante que se comece uma campanha sem a euforia da unanimidade, não existe unanimidade. Nós temos um segmento da sociedade que é contra nós, por questões ideológicas. O que precisamos fazer é estabelecer um método de alianças, determinar quais os setores sociais que nós queremos atingir e quais atingir de forma prioritária. Eu quero e vou trabalhar - isso é inclusive um aviso - para que todos os corruptos tenham medo do governo do PT.

Eu quero que todos aqueles que têm medo da reforma agrária comecem a se preocupar com o PT, porque nós vamos fazer a reforma agrária. Nós vamos fazer por uma necessidade de justiça social, não pela necessidade de tomar a terra de alguém e sim pela necessidade de distribuir de forma justa a oportunidade das pessoas trabalharem no campo e terem a sua própria terra, produzindo alimento mais barato e, inclusive, mantendo o homem no campo.

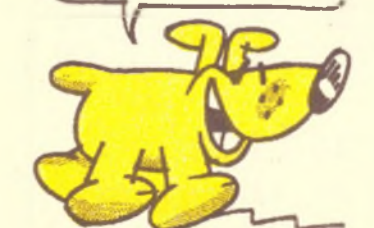
Acredito que aqueles que vivem de especulação vão ter medo do governo do PT, porque nós vamos diminuir e evitar que a especulação seja a principal fonte de receita. Eu acredito que as pessoas que têm medo do governo do PT não são as pessoas que estão preocupadas com o Brasil. São pessoas que estão preocupadas com o seu próprio umbigo.

Terão medo do governo do PT aqueles que têm medo de qualquer mudança que possa significar melhoria na qualidade de vida do povo. São aqueles que apostam na pobreza, na ignorância, no analfabetismo, no atraso como forma de dominação, porque eles sabem que nós vamos acabar com isso.

As pessoas de bom senso estão compreendendo que o PT possivelmente seja um partido que hoje reúne mais condições de fazer uma aliança política de centro-esquerda e não apenas para ganhar as eleições, mas sobretudo para governar o país.

Segundo uma versão política de que o PT poderia até liderar uma campanha vitoriosa, mas não teria condições de governar, ou seja não teria condições de implementar isto que você está colocando diante de um Congresso ou de uma realidade política mais conservadora.

**MALUF ATACA LULA. TUCANOS ATACAM LULA. BRIZOLA ATACA O LULA. E O ATACADO CONTRA O VAREZI.**



Eu acho que muita gente é desinformada, ou gosta de ser desinformada. Muita gente tem perguntado se é possível governar o país com um Congresso tão atrasado e contra. É importante lembrar que não basta ter um Congresso a favor para governar o país. O Sarney tinha quase 70% do Congresso e não conseguiu governar. Collor tinha mais de 60% do Congresso com as eleições de 90, e não conseguiu governar. O Itamar teve quase a unanimidade e não conseguiu governar. Então o problema não é apenas o Congresso, e sim a ausência de política, de vontade, de projeto.

**O que seria um governo do PT logo de início? O que seria prioritário fazer imediatamente? Qual é o fio da meada, por onde começar?**

Nós estamos discutindo o plano de governo. Há um cronograma estabelecido pelo partido que dá até dezembro para a elaboração de um programa interno. A partir de dezembro vamos começar a discutir este programa com outros segmentos da sociedade. Eu penso que qualquer governo que ganhe o Brasil hoje precisa ter uma política de estabilização, e junto com isto uma política de crescimento. Eu tenho defendido a seguinte tese: não existe nenhuma possibilidade de o nosso Brasil voltar a crescer se não houver quase uma parceria entre governo, empresários e trabalhadores. O nó da questão está em como ganhar credibilidade com as políticas governamentais, tanto para recuperar a credibilidade internacional e, portanto, ter a esperança que possa vir dinheiro novo fazer investimento aqui, quanto para

ante de uma Argentina e meia passando privações. E como é que você vai resolver isto? Você pode até em um primeiro momento fazer um tipo de proselitismo e dar alimento de graça para as pessoas, mas o correto é você garantir que haja oportunidade de emprego para todas as pessoas, seja na agricultura, na construção civil, fazendo obras no saneamento básico, na habitação popular.

**Há uma outra versão que diz o seguinte: com as alianças que você está fazendo o PT pode perder as características originais.**

O PT não é mais um partido virgem. Nós temos mais experiências agora. Quando nós não tínhamos definido alianças, a nossa base já tinha feito alianças. Os aliados estão colocados aí, é por isso que nós estamos achando que a melhor forma de fazer um processo de alianças é

em cima de um programa. Porque um programa você faz com a determinação de cumpri-lo em cinco anos e o que você fizer a mais passa a ser lucro. E mais: você vai poder cobrar dos ministros, dos aliados e eles vão poder cobrar de você a aliança estabelecida. Quer dizer, nós vamos assentar quantas famílias em cinco anos, nós vamos alfabetizar quantas crianças, quantas salas de aula serão con-

struídas, nós vamos gerar quantos empregos, nós vamos fazer quantas casas? E isso que pode dar uma aliança. Aí você não tem que ter medo de fazer alianças com pessoas que ideologicamente não pensam igual ao PT, porque se as pessoas todas pensassem igual ao PT não tinha por que fazer aliança, era tudo um partido só. Ao invés de discutirmos alianças estaríamos discutindo fusão. Alianças são feitas para alcançar um objetivo. Qual é o primeiro objetivo que nós queremos alcançar? Ganhar as eleições. Porque senão todo programa, por mais bonito que seja, vai ficar na gaveta por mais um século. Aliança envolve governos estaduais e senadores. É uma questão que o partido vai ter que trabalhar. Vai ter neguinho achando que não tem que fazer aliança com ninguém, é "nós com nós e mais ninguém, e o resto vai à merda". Do lado dos aliados pode ter também gente que não queira fazer aliança. Nós vamos ter que ter competência de instaurar esta confiabilidade nestas pessoas. Se o PT se meter a lançar candidato a governador em todos os estados, eu conheço um bocadinho deles e sei que em alguns, o PT não tem nenhuma condição de lançar candidato. Além disso, não tem quadro para lançar candidato a deputado federal e senadores. E o PT não está mais na fase de fazer experiências políticas, o PT já é um partido maduro, de caráter nacional. Portanto, o PT tem um ano e meio para decidir se quer ou não ser governo e qual o programa com que quer chegar ao governo. Lógico que alguns poderão ficar desencantados e dirão: então o PT não vai implantar o socialismo? E não vai mesmo. Agora, eu acho que nós temos que discutir isto corretamente dentro do PT. Para alguns a utopia é chegar à sociedade justa e igualitária, que é uma perspectiva a longo prazo; para outros, a utopia é o primeiro prato de feijão, o primeiro emprego, o primeiro médico, a primeira escola.

Obviamente, o PT tem que ter cuidado com as alianças, não pode se degenerar.

Como você vê uma eventu-

**Pedir que o povo espere mais um ano, é pedir mais um ano para o governo. Para o povo é o vigésimo ano.**

de estimular os investimentos, como convencer os empresários a voltarem a investir. Nós temos que entender muitas coisas. Por exemplo: o sonagador de impostos tem que tomar pau. Agora, o governo, para dar pau, tem que cumprir o seu dever. O governo não pode exigir que um profissional libere o seu imposto corretamente, se essa mesma pessoa paga 500 dólares para a educação dos filhos, mais 500 para saúde. Além de exigir seriedade, o governo precisa ser sério e oferecer a todos a mesma oportunidade e isso começa pela saúde e educação.

Além do que o governo tem um problema sério que são 32 milhões de brasileiros na condição de mendicância. Até 1995 a tendência é aumentar. Então você estará di-

gido de uma Argentina e meia passando privações. E como é que você vai resolver isto? Você pode até em um primeiro momento fazer um tipo de proselitismo e dar alimento de graça para as pessoas, mas o correto é você garantir que haja oportunidade de emprego para todas as pessoas, seja na agricultura, na construção civil, fazendo obras no saneamento básico, na habitação popular.

**Há uma outra versão que diz o seguinte: com as alianças que você está fazendo o PT pode perder as características originais.**

O PT não é mais um partido virgem. Nós temos mais experiências agora. Quando nós não tínhamos definido alianças, a nossa base já tinha feito alianças. Os aliados estão colocados aí, é por isso que nós estamos achando que a melhor forma de fazer um processo de alianças é

em cima de um programa. Porque um programa você faz com a determinação de cumpri-lo em cinco anos e o que você fizer a mais passa a ser lucro. E mais: você vai poder cobrar dos ministros, dos aliados e eles vão poder cobrar de você a aliança estabelecida. Quer dizer, nós vamos assentar quantas famílias em cinco anos, nós vamos alfabetizar quantas crianças, quantas salas de aula serão con-

struídas, nós vamos gerar quantos empregos, nós vamos fazer quantas casas? E isso que pode dar uma aliança. Aí você não tem que ter medo de fazer alianças com pessoas que ideologicamente não pensam igual ao PT, porque se as pessoas todas pensassem igual ao PT não tinha por que fazer aliança, era tudo um partido só. Ao invés de discutirmos alianças estaríamos discutindo fusão. Alianças são feitas para alcançar um objetivo. Qual é o primeiro objetivo que nós queremos alcançar? Ganhar as eleições. Porque senão todo programa, por mais bonito que seja, vai ficar na gaveta por mais um século. Aliança envolve governos estaduais e senadores. É uma questão que o partido vai ter que trabalhar. Vai ter neguinho achando que não tem que fazer aliança com ninguém, é "nós com nós e mais ninguém, e o resto vai à merda". Do lado dos aliados pode ter também gente que não queira fazer aliança. Nós vamos ter que ter competência de instaurar esta confiabilidade nestas pessoas. Se o PT se meter a lançar candidato a governador em todos os estados, eu conheço um bocadinho deles e sei que em alguns, o PT não tem nenhuma condição de lançar candidato. Além disso, não tem quadro para lançar candidato a deputado federal e senadores. E o PT não está mais na fase de fazer experiências políticas, o PT já é um partido maduro, de caráter nacional. Portanto, o PT tem um ano e meio para decidir se quer ou não ser governo e qual o programa com que quer chegar ao governo. Lógico que alguns poderão ficar desencantados e dirão: então o PT não vai implantar o socialismo? E não vai mesmo. Agora, eu acho que nós temos que discutir isto corretamente dentro do PT. Para alguns a utopia é chegar à sociedade justa e igualitária, que é uma perspectiva a longo prazo; para outros, a utopia é o primeiro prato de feijão, o primeiro emprego, o primeiro médico, a primeira escola.

Obviamente, o PT tem que ter cuidado com as alianças, não pode se degenerar.

Como você vê uma eventu-

Além do que o governo tem um problema sério que são 32 milhões de brasileiros na condição de mendicância. Até 1995 a tendência é aumentar. Então você estará di-

gido de uma Argentina e meia passando privações. E como é que você vai resolver isto? Você pode até em um primeiro momento fazer um tipo de proselitismo e dar alimento de graça para as pessoas, mas o correto é você garantir que haja oportunidade de emprego para todas as pessoas, seja na agricultura, na construção civil, fazendo obras no saneamento básico, na habitação popular.

**Há uma outra versão que diz o seguinte: com as alianças que você está fazendo o PT pode perder as características originais.**

O PT não é mais um partido virgem. Nós temos mais experiências agora. Quando nós não tínhamos definido alianças, a nossa base já tinha feito alianças. Os aliados estão colocados aí, é por isso que nós estamos achando que a melhor forma de fazer um processo de alianças é

em cima de um programa. Porque um programa você faz com a determinação de cumpri-lo em cinco anos e o que você fizer a mais passa a ser lucro. E mais: você vai poder cobrar dos ministros, dos aliados e eles vão poder cobrar de você a aliança estabelecida. Quer dizer, nós vamos assentar quantas famílias em cinco anos, nós vamos alfabetizar quantas crianças, quantas salas de aula serão con-

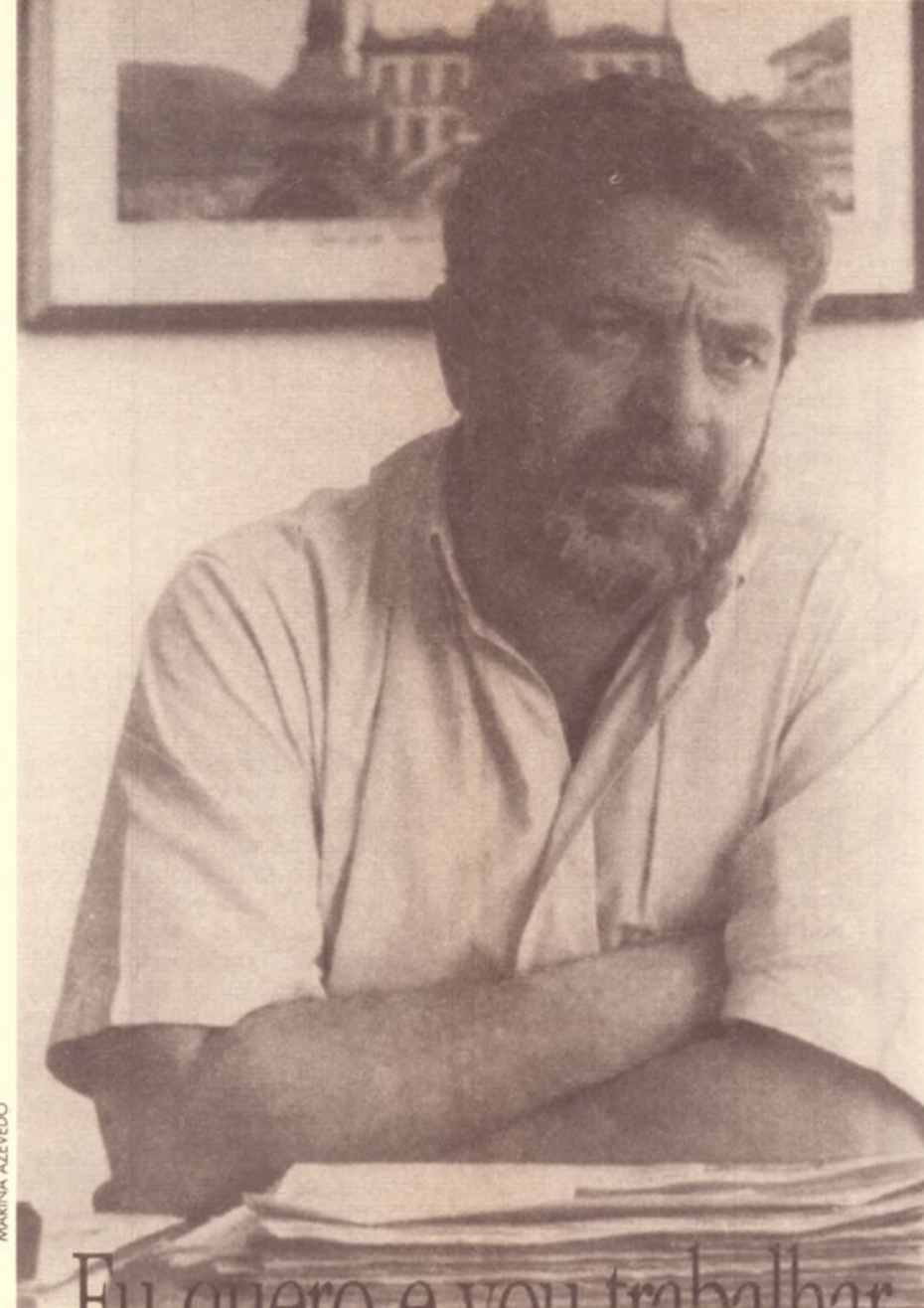
struídas, nós vamos gerar quantos empregos, nós vamos fazer quantas casas? E isso que pode dar uma aliança. Aí você não tem que ter medo de fazer alianças com pessoas que ideologicamente não pensam igual ao PT, porque se as pessoas todas pensassem igual ao PT não tinha por que fazer aliança, era tudo um partido só. Ao invés de discutirmos alianças estaríamos discutindo fusão. Alianças são feitas para alcançar um objetivo. Qual é o primeiro objetivo que nós queremos alcançar? Ganhar as eleições. Porque senão todo programa, por mais bonito que seja, vai ficar na gaveta por mais um século. Aliança envolve governos estaduais e senadores. É uma questão que o partido vai ter que trabalhar. Vai ter neguinho achando que não tem que fazer aliança com ninguém, é "nós com nós e mais ninguém, e o resto vai à merda". Do lado dos aliados pode ter também gente que não queira fazer aliança. Nós vamos ter que ter competência de instaurar esta confiabilidade nestas pessoas. Se o PT se meter a lançar candidato a governador em todos os estados, eu conheço um bocadinho deles e sei que em alguns, o PT não tem nenhuma condição de lançar candidato. Além disso, não tem quadro para lançar candidato a deputado federal e senadores. E o PT não está mais na fase de fazer experiências políticas, o PT já é um partido maduro, de caráter nacional. Portanto, o PT tem um ano e meio para decidir se quer ou não ser governo e qual o programa com que quer chegar ao governo. Lógico que alguns poderão ficar desencantados e dirão: então o PT não vai implantar o socialismo? E não vai mesmo. Agora, eu acho que nós temos que discutir isto corretamente dentro do PT. Para alguns a utopia é chegar à sociedade justa e igualitária, que é uma perspectiva a longo prazo; para outros, a utopia é o primeiro prato de feijão, o primeiro emprego, o primeiro médico, a primeira escola.

Obviamente, o PT tem que ter cuidado com as alianças, não pode se degenerar.

Como você vê uma eventu-

## ENTREVISTA

### LULA



# Eu quero e vou trabalhar para que todos os corruptos tenham medo do governo do PT.

*Na sede do Governo Paralelo, Lula fala de seus planos de governo, de alianças, de quem vai ser favorecido e quem deve temer a chegada do PT ao poder, em entrevista a José Américo Dias, Flávio Aguiar e Hamilton Cardoso.*

## IBOPE: PRESIDENTE SAIRÁ DE SÃO PAULO



A última pesquisa do DataFolha indica Lula com 27% das preferências de voto para presidente e Maluf, com 20%; do Ibope, Lula com 25% e Maluf com 18%; do Vox Populi, Lula com 21% e Maluf com 13%. Elas foram feitas em março e mostram que se a eleição fosse hoje eles travariam a principal disputa e iriam para o segundo turno. Como falta mais de um ano e meio para a sua realização, Carlos Mateus, diretor do Instituto Gallup, diz que pesquisas são precoces, neste momento. A socióloga e especialista em pesquisas de mercado e opinião, Mara Kostcho, afirma que elas não passam de especulação e não permitem prognósticos. "Até 1994 muita água ainda vai rolar", diz. Ela teme a ocorrência de um novo fenômeno de mídia criando um candidato como ocorreu em 1989 com Collor de Mello.

Mesmo concordando que é cedo para fazer previsões, o diretor executivo do Ibope, Carlos Augusto Montenegro, arrisca: diz que a próxima sucessão, que se caracterizará pelo confronto entre duas correntes, uma de esquerda progressista e outra conservadora, contará basicamente com os nomes atualmente no noticiário e que o eleitorado provará uma ruptura definitiva com a tradição de presidentes nordestinos ou militares. E faz uma previsão: "O novo presidente deve sair de São Paulo, o maior centro eleitoral do país".

Entre os diversos nomes incluídos nas pesquisas, a maioria, como o gaúcho Brizola, que governa o Rio de Janeiro, o baiano Tasso Jereissati, o paulista Fleury e mesmo Orestes Quércia, demonstra influência regional, ao contrário de Lula e Maluf, com repercussão nacional. Ambos são de São Paulo. E mesmo neste quadro, Montenegro vê Lula numa situação privilegiada: "Ele tem um nome marcante e o PT, além de ser um partido bem estruturado, é o mais bem organizado do país". Mara Kostcho lembrou que, além de manter o bom desempenho no Nordeste, ao

al aliança para presidência da República no primeiro turno com o PSDB na sua chapa? Isto envolvendo negociação e apoio a eles em duas candidaturas ao senado ou ao governo de estado, como por exemplo em São Paulo?

Eu não gostaria de discutir nomes, até porque é muito cedo e muita água pode passar por debaixo da ponte. Eu gostaria que as alianças se dessem.

**Você vê viabilidade com o PSDB?**

Eu vejo viabilidade com vários partidos políticos. Acontece que nós temos que ter em conta que não somos só nós que estamos no cenário político disputando aliados. Se o PSDB lançar candidatos, ele vai tentar fazer alianças com aliados naturais nossos. E uma das coisas que eu discutia com os companheiros do PT era que nós tínhamos que ter cuidado nas críticas ao governo Itamar, porque nós temos aliados naturais do PT no governo Itamar. Quando a gente faz críticas ao governo Itamar, nós estamos fazendo críticas ao PSDB, PSB, PDT, PPS e PCdoB. Nós precisamos decidir de uma política diferenciada com os aliados, porque você não pode passar a vida inteira criticando uma pessoa e depois achar que elas tem obrigação de vir a reboque numa aliança. Eu não tenho dúvidas de que nós precisamos trabalhar as alianças no primeiro turno. E aliança pressupõe um programa nacional, estadual. Significa num estado o PT ter candidato a governador, no outro estado o PSB, no outro o PSDB. O que não vale é o PT querer fazer aliança indicando a chapa completa; aí não é aliança, é cooptação.

**O ponto frágil não está necessariamente no arco político de alianças, mas na perspectiva de uma negociação ampla com o empresariado. E a experiência com o empresariado brasileiro é muito ruim, porque não se pode negociar.**

Eu disse que a elite dirigente faliu. Eu coloco a maioria dos empresários brasileiros como a elite dirigente. Agora, a gente não pode deixar de reconhecer que nem todos os empresários são iguais. Você também

não pode colocar todo mundo no mesmo saco e falar "ninguém presta". Eu acho que tem hoje no empresariado muita gente que está disposta, inclusive, a acreditar na possibilidade de recuperar o Brasil. Até porque eles estão pensando economicamente em seus interesses. Eu tenho certeza que o diretor da revista Veja gostaria que ela vendesse dois milhões de exemplares, em vez de 800 mil. O dono da Isto É, em vez de vender 260 mil, vender 1 milhão. Um cara que produz roupa, em vez de um cidadão de classe média comprar um terno por ano, comprar 5 ou 6. É desta forma que a gente tem que pensar se quiser evoluir. E aí não tem como a gente não conversar com os empresários.

Como método geral, tudo bem, é isso que você fala. Mas há setores na economia brasileira que têm interesses que as coisas não mudem, e infelizmente são setores chamados de dominantes, porque têm mais grana. Meia dúzia de bancos e meia dúzia de empresas e supermercados valem por todos os setores de alimentação, mais o de brinquedos, mais o das editoras, o mercado gráfico. Então como tratar isto?

Primeiro, eu acho que é muito difícil você consertar a economia brasileira se você não mudar as regras para o sistema financeiro. Mesmo os bancos particulares têm que ter como prioridade investir no setor produtivo, financiar o desenvolvimento e não a especulação. Deveria ser assim. Nós temos que cuidar do setor financeiro, ter uma política de juros

que não seja a razão do enriquecimento de algumas pessoas, mas ao mesmo tempo nós temos que cuidar do Estado, da dívida interna e da dívida externa. Não se pode deixar que a dívida externa fique como está. Nós precisamos rediscutir este acordo feito

com os credores e aprovado pelo Senado. É preciso discutir o alongamento do perfil da dívida interna, porque não se pode continuar rolando as dívidas, emitindo títulos e pagando juros enormes para as pessoas poderem comprar os seus títulos. É preciso rediscutir isto, e isto é o que vai permitir que você venha a criar as bases de segurança para uma política econômica e para uma estabilização da economia brasileira. Você pode incentivar e fomentar os acordos setoriais, as câmaras setoriais. A questão do ABC pode não servir de exemplo para as outras categorias, mas é o indicio da possibilidade de se ter uma política de preços e de salários, em que os tra-

balhadores entram com uma parte, e os empresários com outra e o governo com a sua.

**Você acha que um projeto econômico sério para o país é suficiente para persuadir mesmo o grande capital - os privilegiados pela crise econômica - de alguma forma a investir no país?**

Além da tentativa de persuasão, você tem políticas concretas, seja no campo da política econômica ou do papel do Estado. Você precisa ter uma política dura em relação a eles. Se você tem o Antônio Ermírio de Moraes e outros dois empresários com o monopólio do cimento e vendendo o cimento ao preço de ouro, é preciso criar alternativas. O que você não pode é ficar com esta política de ameaça como o governo está fazendo com os remédios. Um governo não pode ameaçar, tem que fazer. Quando o presidente da República for anunciar alguma coisa aqui não é teste. É coisa definitiva e tem que ser cumprida. Você não vai fazer acordo com o cara do oligopólio e sim com a sociedade civil, porque você precisa de respaldo para cumprir com isto.

**E as populações negras, o que elas podem pensar e esperar do seu governo, nesta composição e neste arco de alianças, onde tradicionalmente a luta anti-racista não tem tido peso nem importância? Se tem falado muito ultimamente, a partir da experiência dos EUA, de uma política para garantir cotas de participação das diferentes raças no mercado de trabalho, na distribuição da cultura?**

Eu acho um absurdo se estabelecer cotas. Tanto para negros, como para homossexuais, índios, mulheres. Nós estamos com um problema sério no PT, onde temos uma cota de 30% para as mulheres na direção nacional, e a experiência tem mostrado que é difícil cumprir isto. Qual a po-

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.

**H.C.**

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.

**H.C.**

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.

**H.C.**

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.

**H.C.**

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.

**H.C.**

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.

## PROGRAMA EM CONSTRUÇÃO

o contrário de 1989, quando ficou pronto praticamente às vésperas das eleições, a nova direção nacional do PT, a ser eleita em junho, durante o 8º Encontro Nacional receberá até o fim do ano, e em dezembro aprovará o projeto do programa de governo para 1994. Com isto as negociações partidárias para formar a coligação eleitoral que apoiará a candidatura de Lula já poderá começar a sua formação antes do primeiro turno eleitoral. O objetivo é começar a campanha com alianças que irão do PSDB ao PCdoB, inclusive as agremiações de esquerda ainda sem registro no TSE.

Para a sua elaboração foi criada a Comissão de Coordenação do Programa de Governo, integrada por seis membros da executiva, vários intelectuais, lideranças políticas e personalidades, que criou cinco comissões temáticas. Estas estão criando vários grupos de trabalhos por temas afins que, por sua vez, vão criar subgrupos para tratar de questões mais específicas de cada um. A idéia, segundo Marco Aurélio Garcia, coordenador da Comissão, é contar com a participação de inúmeros militantes, simpatizantes, pesquisadores e lideranças políticas dos diferentes setores da sociedade, inclusive de outros partidos políticos interessados. O recrutamento de participantes está sendo feito diretamente pela Comissão ou coletivos que tratam de diferentes temas, sendo criados nos diretórios estaduais de vários estados, com quem os interessados devem manter contato. Até agora já estão funcionando coletivos nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Aurélio imagina que até o fim do ano o processo mobilizará mais de 500, e até mil pessoas

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.

**H.C.**

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.

**H.C.**

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.

**H.C.**

Segundo ele todas atividades vão se sustentar sobre quatro comissões temáticas: Economia e Política Econômica, Política de Estado e Sociedade, Políticas Sociais, e Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente. Disse que está marcada para o dia 21 de abril a primeira grande reunião da Comissão de Coordenação do Programa de Governo, que então definirá, inclusive, a metodologia de trabalho. Segundo ele, no começo de maio estará definida a estrutura geral do projeto de programa, sobre o qual todos os grupos e subgrupos poderão trabalhar.



# O lado cego da imprensa

A mesma imprensa que hostilizava Erundina não vê nada do que "Maluf faz"

Cem dias de governo Maluf, os resultados são positivos, segundo uma matéria na Rádio Eldorado. Entre os bons resultados, o "disque-buraco", um serviço de atendimento de reclamações sobre buracos na rua, por telefone. Nos jornais, nenhuma grande avaliação. Não se ouve nem se lê nada sobre promessas de campanha de Maluf e o que ele está fazendo a respeito. Os ônibus, que eram lotados e caros enquanto ele era apenas candidato, ficaram mais caros e mais lotados depois que ele virou prefeito (os aumentos foram sempre acima da inflação, ao contrário do que prometeu, e ele ainda tirou muitos ônibus das ruas), mas a imprensa não dá nenhum destaque a isso. Prefere ficar na moita, dando mais cobertura à proposta de privatização da CMTC, que atende mais à sanha privatizante defendida por ela, imprensa.

A saúde do paulistano pobre também piorou: diminuíam os médicos e o pessoal em geral, nos hospitais e postos de saúde municipais, mas embora Maluf houvesse prometido uma grande melhora deste serviço, ninguém da imprensa lhe cobra. O mesmo aconteceu com a merenda escolar, em que a carne foi abolida (as crianças passaram muito tempo comendo só macarrão com feijão, às vezes ovo). E às vezes até faltou toda a comida.

Na habitação popular, não foi diferente: a promessa de campanha, de 120 mil casas populares, já virou apenas 15 mil neste início de governo. E a tendência é baixar mais ainda. Mas mesmo com um protesto de sete mil militantes dos movimentos de moradia, no dia 1º de abril, escolhido sem nenhuma coincidência para cobrar Maluf, não houve grandes matérias sobre o assunto nos jornais.

E o IPTU? Questão importantíssima, atacadíssima, usada ao extremo contra Erundina e o PT, em tom de campanha indignada, com as famílias Mesquita e Frias (do Estadão e da Folha) no centro do ataque à administração municipal, foi também importante para a campanha de Maluf. Mas eleito, Maluf aumentou ainda mais o IPTU, e onde estava a imprensa? Caladinha da Silva!

**MEMÓRIA.** Agora lembremos um pouco os primeiros cem dias de Erundina. Ou até os dias que precederam sua posse. Em dezembro de 1988, a

CEM DIAS DE GOVERNO  
E OS PREFEITOS ELEITOS  
PELO PT CONTINUAM NO  
PT! É COISA ESQUISITA!



Os protestos contra as "obras" de Maluf já começaram

Folha de S. Paulo já manipulava uma entrevista da prefeita ainda não empossada para mostrá-la como uma perigosa incentivadora das invasões de propriedades, torcendo suas palavras. E foi daí pra pior. Hebe Camargo, por exemplo, tão puxa-saco de seus entrevistados, chamou para entrevistar Erundina, quando completaria cem dias de governo, Boris Casoy e Carlos Brickmann, dois jornalistas que a odiavam, sendo o segundo um escudeiro de Maluf. A própria Hebe só esbravejava contra Erundina (atitude que a entrevistadora mudou só depois que Erundina "peitou" o PT para virar ministra). Erundina fugiu da armadilha e ficaram os três malhando a prefeita. Brickmann insistia que Erundina tinha contratado a "parentalha" para trabalhar na prefeitura. A "parentalha" era um único sobrinho, indicado para um cargo de confiança, no Cerimonial.

**PESOS E MEDIDAS.** Chove, inunda, há desabamentos e mortes. Maluf poderia ter feito alguma coisa nesses cem dias de governo? Podia pelo menos manter os serviços de contenção de taludes, que a prefeitura desenvolveu depois da tragédia da Favela Nova República, quando morreram nove pessoas soterradas e a administração municipal petista foi malhada como criminosa, como responsável pelas mortes. Muitas tragédias semelhantes aconteceram pelo Brasil inteiro, especialmente no Rio de Janeiro, mas também em Salvador, e Contagem (MG), mas só em São Paulo a prefeita era culpada. Nos demais lugares, nem citavam o nome do prefeito. Os mesmos jornais trataram de formas diferentes acontecimentos muito parecidos.

O tratamento "diferenciado" continua. Nenhum tom de campanha, de horror, pelas "obras" de Maluf, como a ex-

pulsão de mendigos e queima de seus pertences, o fim da coleta seletiva de lixo (que voltou atrás), o despejo dos Conselhos da Criança alojados nas Administrações Regionais, o anúncio da construção de um "pro-

testódromo", o uso de jatinhos (nem foram aviões de carreira, mas aviões fretados, muito mais caros) para a criação de seu novo partido, o PPR, com

César Maia, enquanto a cidade se afunda em enchentes e é vítima de um surto de cólera?

**MOUZAR BENEDITO**  
(Colaborou Adélia Chagas)

## C A D E I A P A R A C O L L O R !



Rosane e Collor no dia em que foram depor

Diz um ditado que os grandes ladrões enforcam os pequenos. Não é à toa que vemos grandes ladrões babando de raiva quando são roubados, defendendo pena de morte para pequenos ladrões. No mínimo, eles sabem pelo menos que não vão nunca para a cadeia. Um exemplo? Vejam Collor, PC Farias e sua turma, ou quadrilha, como diz o deputado Hélio Bicudo (ver pág. 3) que, acostumado a tentar pôr na cadeia gente que não faz parte da classe que pode ser presa no Brasil, sem sucesso (basta lembrar o carrasco Sérgio Paranhos Fleury), diz claramente: cadeia aqui, é só para pobre.

O pedido de prisão preventiva para Collor tem fundamento legal, diz o jurista Goffredo da Silva Telles Jr., "mas é muito subjetivo". A decisão depende do juiz, que para prender esse pessoal teria que considerar o ex-presidente disposto a fugir do país ou se furtando de prestar contas à Justiça. E, mesmo querendo que Collor seja condenado, Goffredo entende que dificilmente a prisão preventiva (que não é uma condenação, mas apenas para impedir que o processado fuja ou continue praticando delitos) será feita: não há evidências de que Collor vá fugir do país. Ele tem interesses aqui e ainda pretende ter uma carreira política!!!

Não é de se duvidar que tenha. Afinal, exemplos como os dele medram (quase escrevi merdam!) por aqui. Ex-odiados corruptos agora bem-sucedidos políticos eleitos pelo povo. Não há risco de Collor ser preso. Não há antecedentes contrários na história da nossa Justiça. No julgamento (se é que vai haver algum dia), Collor é capaz até de receber pedido de desculpas.

Hélio Bicudo ainda vê uma esperança: com a prisão de um bando de corruptos na Itália, não prendendo Collor aqui, "o Supremo Tribunal Federal vai ficar numa enrascada", pois há uma expectativa da população. Enquanto isso, Collor pode exibir-se nas praias, passear, enquanto PC Farias também faz seu turismo pela Europa. Dinheiro não falta, pois os bens ameaçados de expropriação pela Justiça são uma coisa ridícula, em relação à grana que embolsaram na rendosa passagem de Collor pelo governo. Diante disto tudo, talvez seja aconselhável votar na monarquia e recriar os títulos de nobreza. Collor e sua turma certamente aprovariam. Afinal, como diz outro ditado, "quem rouba pouco é ladrão; quem rouba muito é barão".

M.B.

# O monstro já é domável

Mais tranquilas, melhores administrações petistas ampliam projetos e participação popular

Umas 150 pessoas estão reunidas numa escola em Betim, no início da noite de uma quarta-feira.

- Posso falar? pergunta alguém na platéia.

- Pode - respondem prontamente algumas vozes na reunião.

O senhor de 50 anos se levanta, desajeitado, pega o microfone e fala, como se o fizesse primeira vez. É a posse de um administrador regional, na Escola Maria Murici. As pessoas reunidas, em trajes domingueiros, se aproveitam do momento, já que podem falar, para discutir algumas ações da prefeitura.

Quando os primeiros prefeitos petistas assumiram a gestão de algumas cidades brasileiras, o monstro da máquina administrativa e os ataques da imprensa trouxeram perplexidade.

Após quatro anos, a experiência demonstrou que o monstro não morde tanto, e pode ser domável.

Hoje, ao assumirem novas administrações, os petistas não ficam mais tão perdidos com a máquina. E parecem ter rumos mais precisos. Além do que, a imprensa já não tem como negar a capacidade do partido de governar. E bem. Por trás disso, há o sucesso inequívoco das gestões de prefeitos do partido em cidades como Porto Alegre, Santos, Ipatinga, Janduí, Icapuí e Ronda Alta.

O caminho das pedras dos novos prefeitos petistas é a participação popular. Afinal, foi esta a grande marca das experiências bem-sucedidas do partido naquelas cidades.

Em Betim, a participação da população na administração pública tanto pode acontecer numa posse, como nas assembleias, onde serão traçadas as diretrizes da política habitacional da cidade. Também em Quixadá, no Ceará; Alcântara, no Maranhão; Itinga, no Vale do Jequitinhonha; e Novo Barreiro, no Rio Grande do Sul, algumas das 51 cidades governadas pelo PT, de formas variadas, as prefeituras abrem espaço para que a população participe na gestão.

## CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO.

Em Goiânia, o projeto "Goiânia Viva", nova versão do projeto



A prefeitura de Santos, que se aliou aos portuários em defesa da cidade, amplia as diretrizes.

"Pé na Rua", de Diadema, toma conta da cidade. Já percorreu 89 bairros e, além de solucionar problemas emergenciais e proporcionar lazer com atividades recreativo-pedagógicas, abre espaço para o fortalecimento das relações com a população.

"É a descentralização da prefeitura para a formação de uma nova cultura política, tendo como base a participação popular", afirma Darci Acorsi, o prefeito de Goiânia, que já garantiu nestes primeiros cem dias que nenhuma criança ficasse sem estudar, aumentando em seis mil as vagas nas escolas.

Já em São Vicente, o prefeito Luiz Carlos Pedro só encontrou uma forma de resgatar a dignidade da primeira cidade brasileira, fundada em 1532: compartilhar com a população as decisões do governo. Nestes primeiros cem dias, a prefeitura se desloca para os bairros, promovendo mutirões, num empenho conjunto para deixar a cidade com as mínimas condições de vida. As relações com a população vão evoluindo no percurso, e alternativas para o desenvolvimento da cidade vão surgindo destas relações.

Em Rio Branco, no Acre, o prefeito Jorge Viana empreendeu uma verdadeira maratona para colocar a capital do estado

habitável. "A cidade estava entulhada de lixo por todos os cantos, por falta de coleta. E aos poucos a população passa a acreditar que é possível governar Rio Branco." A prefeitura já foi informatizada, para maior agilidade dos serviços.

Maria do Carmo, prefeita de Betim, não fica atrás. Confiante nas propostas do governo democrático popular, aposta na descentralização da cultura como forma de construção da cidadania. Compartilhando as informações e buscando alternativas de desenvolvimento junto com a população, as prefeituras deixam de ser aqueles pomposos prédios isolados, e passam a se integrar à cidade, criando laços e trazendo uma nova percepção da realidade, tanto para a população quanto para a administração. Ambas passam a conhecer juntas os problemas.

**MÁQUINAS QUEBRADAS.** O clima de decadência em que são encontradas algumas prefeituras, nas primeiras gestões, não assusta mais. Além dos serviços essenciais precários, é muito comum encontrar máquinas quebradas, informações apagadas, funcionários fantasmas, distorções nas folhas de pagamento, servidores públicos

desmotivados, população descrente. Em Rio Branco não havia crédito nem pra conseguir pneu. Em São Vicente, só uma escavadeira funcionava. E em Betim, os carros estavam todos parados, por falta de manutenção.

"Parece que tudo foi preparado para ser ingovernável", diz Maria do Carmo Lara, que encontrou as prateleiras limpas. "Só havia chaves em cima da mesa. Os disquetes de computadores estavam todos apagados." Betim é a terceira cidade em arrecadação de Minas Gerais, e a primeira em favelização, com 15,8% de moradias em favelas. Apenas 25% da população é servida com rede de esgotos, e sete bairros ainda utilizam água de carro-pipa.

Em São Vicente, o único hospital da cidade estava paralisado. O prefeito Luiz Carlos Pedro fez intervenção no hospital, e com apoio da população conseguiu colocá-lo em funcionamento. Na folha de pagamento da prefeitura de São Vicente havia 36 servidores, beneficiados pelos trens da alegria dos governos anteriores, que ganhavam até 216 milhões de cruzeiros, "sendo que um secretário ganha 21 milhões".

Em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, cidade de 2 milhões e 400 mil habitantes, a

administração petista quer marcar uma ruptura com as passadas, e inaugurar uma nova época para a cidade. Membros de organizações populares apontam uma lentidão e reclamam medidas de maior impacto. Luiz Dulci, secretário de Governo, tem plena convicção de que muita coisa está sendo feita. "A máquina custa a mover-se, mas já é possível detectar sensíveis diferenças entre a administração democrática e popular e as que nos antecederam. A inversão de prioridades - ressalta - está acontecendo a cada decisão. Investe-se a fundo na questão do menor e no combate à fome. Criam-se condições para que o município assumira a gestão do transporte coletivo e enfrente o drama dos sem-casa."

**NOVAS RELAÇÕES.** Enquanto as primeiras administrações correm contra o tempo para amansar o monstro da máquina e adequá-lo a um modelo democrático e popular, as segundas gestões, mais tranquilas, aprimoram seus projetos e avançam na qualidade da participação popular.

"Estamos aprofundando as relações com a nossa base e ampliando as relações com outras forças sociais", diz Tarso Genro, prefeito de Porto Alegre, apontando o projeto "Cidade Constituinte", que está sendo desenvolvido nesta gestão, como um grande momento de integração entre as várias forças sociais que formam a cidade. "O projeto traz a universidade para dentro das discussões sobre a cidade em busca de um desenvolvimento adequado à nossa época."

Em Santos, o prefeito Davi Capistrano também quer avançar no debate com a cidade, trazendo para conferências temas como Habitação e Cultura, Turismo e Transporte. Ele está aprimorando as relações com os conselhos criados na gestão passada, e criando novos conselhos, como Habitação e Desenvolvimento Econômico. E o Congresso Municipal de Orçamento, que definirá as diretrizes da prefeitura para os próximos quatro anos.

MARIA TEREZA

## Atenção Diretórios

A Loja Treze apresenta mais uma vez seus produtos para que os diretórios façam suas finanças e divulgações. Faça seu pedido por carta enviando cheque nominal ao Partido dos Trabalhadores, ou então telefone para (011) 37-6651 e fale com a Pita.

Faça um bom negócio. Ligue já.



LOJA CDM - PT-SP

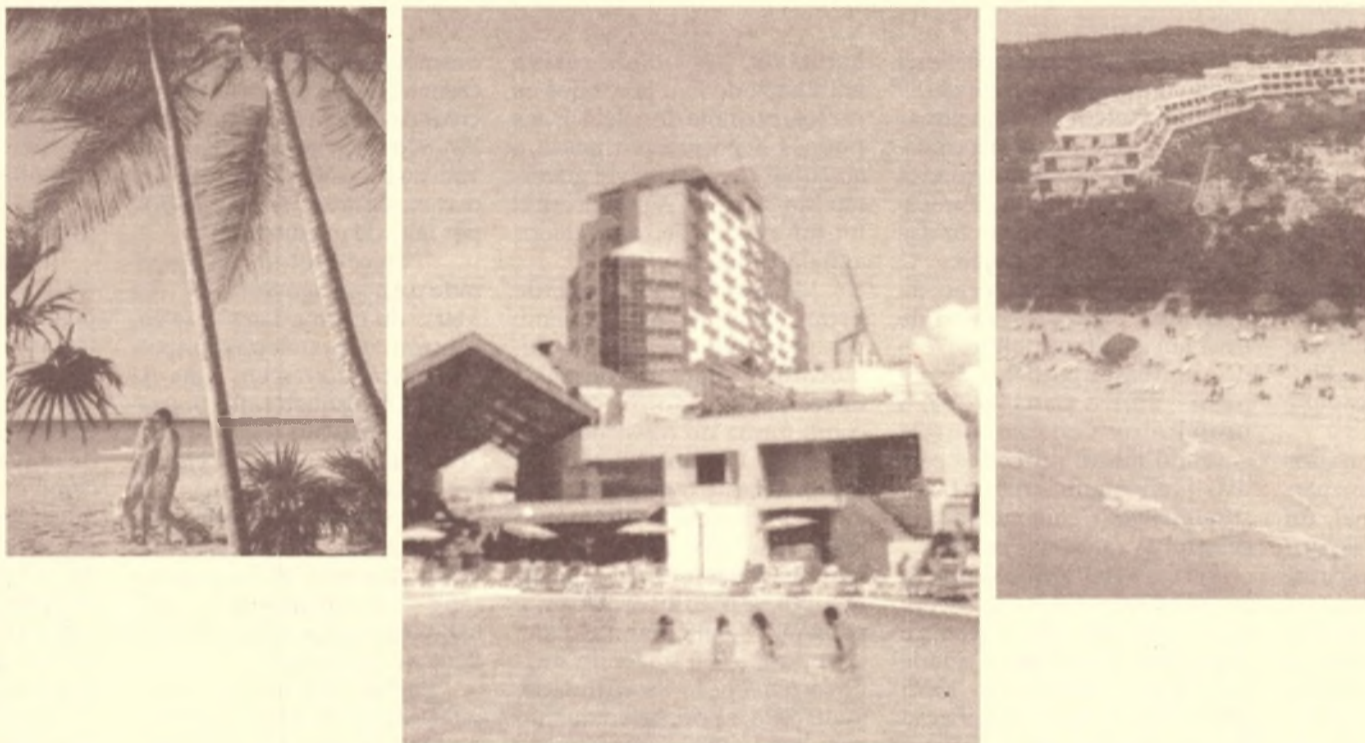
Rua Pedro Taques, 70 - Consolação. Fone: (011) 37-6651 - Fax: (011) 258-5761

## OFERTAS ESPECIAIS

Produto	Cr\$	Produto	Cr\$
Estrela Metal (Peq. Solda)	15.000,00	Camisetas PT (Tam. XG e XXG - Branca)	
Estrela Metal (Méd. Cola)	10.000,00	Brilhando Cada Vez Mais	100.000,00
Estrela Metal (Méd. Solda)	17.000,00	Optei (Desenho pequeno)	100.000,00
Estrela Metal (Gde. Solda)	20.000,00	PT (Desenho pequeno)	100.000,00
Estrela Metal pingente	15.000,00	Nosso Céu Tem Mais Estrelas	100.000,00
Broche Fundação PT e CUT	25.000,00	Por Que 94 Não Chega Logo	100.000,00
Broche Lula (4 modelos)	20.000,00	Lula Brasil	100.000,00
Broche Bandeiras do Brasil e do PT	25.000,00	Feliz 94 (G e GG)	120.000,00
Chav. Lula, PT, OPTEI, CUT	32.000,00	Camis. Alternativas (XG e XXG - Branca)	
Lapela alfinete redondo peq.	10.000,00	Analfabeto Político	130.000,00
Lapela alfinete red. dourado méd.	15.000,00	Che (Foto e Poema)	130.000,00
Lapela alfinete retangular peq.	12.000,00	Ghandhi	130.000,00
Caneta PT Branca e Vermelha	15.000,00	e mais 50 modelos	sob consulta
Adesivo Lula Brasil/Feliz 94	10.000,00	Camisetas Ecológicas (XG e XXG - Branca)	
Adesivo Brilhando Cada Vez Mais	10.000,00	Índios (Quatro Modelos)	130.000,00
Adesivo Estrela	6.000,00	Bordada (P, M e G - Vermelha)	
Bonê PT e CUT	100.000,00	PT e CUT	160.000,00

Condições especiais para Diretórios: Acima de Cr\$ 1.500.000,00, 20% à vista ou cheque para 5 dias s/ desconto. Acima de Cr\$ 2.500.000,00, 25% à vista ou cheque para 10 dias s/ desconto. Acima de Cr\$ 3.500.000,00, 30% à vista ou cheque para 10 dias + 10% desconto.

# Quem você levaria para esta ilha?



*Cheia de sol, com um mar que só o Caribe tem,  
deliciosas bebidas como o mojitos e o daiquiri  
que encantaram o escritor Ernest Hemingway,  
uma música sensual e convidativa... Tudo isto é Cuba.  
Pra completar, hospedagem em hotéis de primeira categoria.*

*Não é sonho nem utopia  
e custa muito menos do que você pensa.*

#### **Programa Especial "Las Yagrumas"**

Tudo incluído por apenas US\$ 999,00 por pessoa,  
em apartamento duplo.  
Saídas todas as sextas-feiras.

 **cubanacan S.A.**

# Disputa de nomes ou de idéias?

*A divergência não é entre dois candidatos, mas entre as visões sobre o papel da Central.*

**PROGRAMA DE DOMINGO.**

A TV dos Trabalhadores, em São Paulo, está trabalhando em ritmo de aventura. Tudo pra aprontar a tempo o piloto do programa que deve ir ao ar em maio, pela TV Record. Bancado por uma rede de sindicatos ligados à CUT, deve ser um misto de programa informativo e de variedades. Será semanal, com uma hora de duração, sempre aos domingos pela manhã. Depois das primeiras iniciativas sindicais nas ondas do rádio, chegou finalmente a vez da TV. O caminho é esse aí. Roberto Marinho e Sílvio Santos que se cuidem.

**A AIDS ATACA.** Morreu de Aids o dirigente da CUT Regional da Grande São Paulo e do Sindicato dos Metroviários, Celso Figueiredo. Além de lamentar a perda do companheiro, talvez coubesse às diretorias sindicais pensar mais seriamente no tema e agir. Em primeiro lugar, trabalhando no esclarecimento de suas categorias sobre o assunto, pois as pesquisas mostram que o grau de ignorância da população sobre a doença é ainda fantástico. Mas também tomando medidas efetivas de pressão sobre o governo, que continua desprezando uma questão tão séria.



**PROCURA-SE OPOSIÇÃO.**

O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC já abriu as inscrições para as suas primeiras eleições, que ocorrerão dias 25, 26, 27 e 28 de maio. Por enquanto, apenas a Chapa 1, a "Chapa da Unificação", liderada pelo Vicentinho, está inscrita, contando com o apoio das diretorias dos sindicatos de São Bernardo e de Santo André, recém-unificados. Nos corredores, o que se ouve é que nenhuma chapa de oposição vai se aventurar.

**UMA SÓ CATEGORIA, UM SÓ ACORDO.**

A coordenação provisória do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC já inicia a campanha eleitoral com um trufo: foi aprovado com entusiasmo pela assembleia do último dia 12 a proposta de acordo salarial com o Grupo 19-III da FIESP (que reúne as indústrias de máquinas, eletro-eletrônicos, artefatos de metais não-ferrosos, refrigeração e equipamentos ferroviários). Ele significa a extensão do acordo firmado anteriormente com o setor automotivo. Os metalúrgicos receberão 50,5% de reposição este mês, mais 6% de aumento real e garantia de reajustes mensais pelo INPS até março de 1994. O acordo evitou a greve que já estava prontinha para começar no dia seguinte.

**SINDICATO COROA.**

O Sindicato dos Bancários de São Paulo está comemorando seus 70 anos. Para o último dia 16, a maior programação estava marcada. Não sem motivos, pois trata-se de um dos sindicatos mais poderosos e organizados do país. Vida longa pro velhinho!

**G**ilmar Carneiro ou Vicentinho? O líder dos bancários de São Paulo ou

dos metalúrgicos do ABC? A julgar pelas matérias que a grande imprensa começou a publicar nas últimas semanas, a CUT - central sindical mais poderosa do país, e um dos símbolos máximos da escalada de lutas sociais que marcou os anos 80 - está condenada a fazer de seu próximo congresso não um debate de idéias, mas um duelo entre caciques. "Indefinição e intranquilidade marcam o processo de sucessão" na Central, garantiu por exemplo O Estado de S. Paulo no último dia 4. Ao longo do texto, o debate sobre o futuro da CUT aparece como simples reflexo de uma disputa entre projetos pessoais. Tanto Gilmar como Vicentinho, chega a dizer a matéria, "pensam numa saída honrosa, como a candidatura a deputado federal".

Transcorrida apenas metade do mandato de três anos da atual gestão, o início antecipado do debate sucessório na CUT é uma realidade inquestionável, admitida por dirigentes da Central ligados a todas as correntes. Mas por trás da polêmica que é possível enxergar há outra até o momento invisível, sobre os rumos da CUT. Nesta, Gilmar e Vicentinho, embora da *Articulação Sindical*, estão no mesmo campo. Mesmo assim o desenvolvimento e o desfecho desta segunda disputa é que influirão sobre a escolha do nosso presidente, não o contrário.

**MELHOR QUE NUNCA.** Um primeiro debate diz respeito à avaliação da atividade da CUT desde o 4º Congresso. Tesoureiro da CUT e coordenador-geral da corrente *Articulação Sindical*, que reuniu sozinha quase 50% dos delegados no último congresso da Central, Delúbio Soares de Castro acredita que a CUT mantém uma tendência ao fortalecimento que a caracterizou nos primeiros anos após a fundação. Afirma que sucessivas pesquisas de opinião feitas junto a categorias de todo o país continuam revelando que cerca de 70% dos trabalhadores vêem a Central como referência de lutas. Gilmar Carneiro chega a ser mais incisivo. "Do ponto de vista da representatividade", diz ele, "nunca a CUT esteve tão bem quanto hoje, quando já soma 1.900 sindicatos filiados."

Durval de Carvalho, petista da *CUT pela Base*, e Júnia Gouvêa, que pertence à mesma corrente sindical e participa da organização do PSTU, rejeitam a avaliação. "A Central está paralisada politicamente", avalia Durval. "Além disso, a falta completa de debates com a base provocou um profundo descrédito sobre as próprias atividades práticas pro-

Gilmar Carneiro



Vicentinho



Durval Carvalho



postas pela direção. A Executiva tem tremendas dificuldades para convocar uma greve, uma caravana a Brasília ou uma simples coleta de assinaturas para um abaixo-assinado", diz Júnia.

**FORA DA POLÍTICA.** Durval e Júnia apontam, além disso, a política desenvolvida pela corrente que controla a Executiva da Central - a *Articulação Sindical* - como elemento essencial da crise. "Sob o comando dessa tendência", dizem, "a Central rompeu com sua tradição, e abandonou os grandes temas nacionais." Os exemplos mais claros seriam a luta pelo *Fora Collor*, em que a CUT "entrou tarde, e de forma vacilante", e a "indefinição" quanto ao governo Itamar: após mais de seis meses, a Central mantém-se numa posição de "independência" em relação a ele, e teria simplesmente se ausentado da luta contra a privatização da CSN. A prioridade, ao contrário, teria se concentrado nas negociações com o governo e os empresários, em organismos como as câmaras setoriais.

Delúbio rechaça. Garante que a CUT foi das entidades que mais se destacaram na luta pelo *impeachment*, e diz que a independência em relação a Itamar "está afinada com o caráter sindical da CUT, que não é o mesmo de um partido político". Admite, por fim, que sua corrente optou por priorizar uma estratégia de negociações por ramo de produção, o que no caso da indústria automobilística equivale a concentrar esforços na câmara setorial.

Atacados por expoentes da *CUT pela Base*, Delúbio e Gilmar pensam numa política de alianças que implica em isolar alguns setores desta tendência. "O PSTU desenvolve a política do suicídio", diz Delúbio. Neste debate, contudo, Gilmar e Vicentinho, ambos da *Articulação* a se posicionam no mesmo campo.

**NOVO ALINHAMENTO?** Delúbio vê não apenas dois, como quer a grande imprensa, mas quatro blocos importantes de forças disputando posições na CUT: 1) a própria *Articulação Sindical* mais o PPS e as correntes petistas *Nova Esquerda* e *Vertente Socialista*; 2) a Corrente Sindical Classista (C/S), ligada ao PCdoB, que segundo ele aproxima-se do primeiro bloco na recusa a se opor ao governo Itamar, e na formação de cha-

pas conjuntas em eleições sindicais recentes e importantes, como a dos metalúrgicos do Rio; 3) os setores não ligados ao PSTU que atuam na *CUT pela Base*, entre os quais Delúbio destaca como decisiva a posição da *Democracia Socialista*; 4) o próprio PSTU.

Gilmar vai adiante. Ele acredita que já há, além da despoluição, sinais da formação de um novo arco de forças, que estaria "desenvolvendo uma tradição sindicalista". Ao contrário das forças à esquerda, enxerga tal perspectiva como algo positivo: "Trata-se de atuar no movimento sindical sem usar as entidades como aparelho". E inclui entre as correntes afinadas com tal postura a própria *Articulação Sindical*, a *Vertente*, a *Nova Esquerda* e a *CSC*.

**POSIÇÃO NA CSC.** Parece ser ao menos uma meia-verdade. Sérgio Barroso, secretário de Imprensa da CUT e um dos três integrantes desta última corrente com assento na Executiva da CUT, parece concordar com Durval Carvalho e Júnia Gouvêa, quando avalia a situação da CUT como "marcada pelo imobilismo"; e quando aponta cinco causas essenciais para o fenômeno: o "abandono da perspectiva socialista"; a "capitulação frente à defesa da soberania nacional"; o "apego ao tratamento institucional das lutas sindicais"; a "tentativa de resolver os conflitos através de negociações tripartites"; e a "burocratização e ultracentralização das instâncias".

Barroso, no entanto, admite que os sindicalistas ligados à *CSC* têm se somado à *Articulação Sindical* não apenas em eleições como a dos metalúrgicos do Rio, mas também em congressos nacionais de categorias como os urbanitários e os trabalhadores na Saúde. Explica tal aliança como resultado de "identidade na avaliação da conjuntura política brasileira".

É, portanto, da evolução desse intrincado jogo de forças, onde parece haver dois pólos definidos mas forças ainda indecisas e acima de tudo pouquíssimas condições para prever qual o comportamento das bases sindicais, que deverão surgir as definições essenciais quanto ao futuro imediato da CUT.

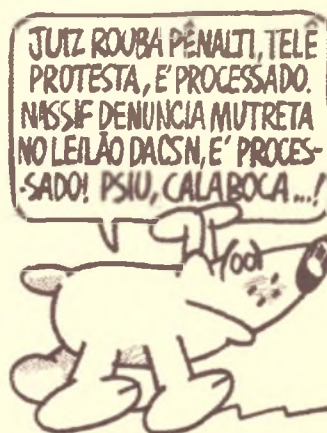
A *Articulação Sindical* parece disposta a assumir sua condição *situacionista*, e deverá, informa

seu coordenador Delúbio, recuar da pretensão de escolher antecipadamente, num encontro marcado para maio próximo, seu candidato a presidente. Gilmar Carneiro acredita que a definição ficará postergada para o próprio Congresso, e será tomada não apenas pela própria corrente, mas pelo conjunto de delegados que compuser o bloco de forças que a tendência tentará montar. Seria a primeira vez que a corrente majoritária agiria assim num congresso da Central.

**DISCRETO VICENTINHO.** As correntes à esquerda estão empenhadas, diz Durval de Carvalho, em superar as dificuldades que ainda as impedem de aparecer perante o conjunto do movimento sindical como uma força coesa, com programa claramente definido, e capaz de transformar-se em *alternativa real* de direção. Durval acredita que se forem capazes de superar este impasse as forças oposicionistas serão capazes de atrair setores descontentes da *Articulação Sindical*.

Pela discricão com que tem se comportado até o momento, parece ainda uma incógnita a postura que adotará, por fim, Vicentinho. Entrevistado, ele pede desculpas mas diz que evitará qualquer pronunciamento público sobre a sucessão. Reconhece a condição de candidato, mas avisa que irá expor suas posições apenas no âmbito da própria *Articulação Sindical*, até que ela se defina sobre o tema. Mas evita, sintomaticamente, entrar numa das polêmicas mais profundas que cercam o processo sucessório: "Uma avaliação sobre o desempenho da atual gestão da CUT? Não faço ainda. Para isso, você deve procurar o Jair Meneguelli"...

ANTONIO MARTINS



# O aprendiz de feiticeiro

*Yeltsin provocou o plebiscito que pode desmoralizá-lo*

**EL SALVADOR: RECONCILIAÇÃO NACIONAL?** O relatório da Comissão da Verdade, estabelecida pelos acordos de paz, confirmou a responsabilidade da maior parte dos altos oficiais do exército salvadorenho nos crimes cometidos durante a guerra civil. Mas o presidente Cristiani, pressionado pela direita, não está cumprindo o definido nos acordos com a Frente Farabundo Martí, a depuração destes oficiais do exército. Enquanto a sociedade civil e em particular setores da Igreja exigem o respeito aos acordos, a FMLN está dividida. De um lado, Joaquim Villalobos e seu ERP e a RN estão dispostos a negociar o assunto com o governo em nome da transição, da estabilidade, de não humilhar os militares... De outro, as outras três organizações da Frente (FPL, PC e PRTC) afirmam que a depuração acordada não é negociável. Como pano de fundo, o debate sobre as alianças para as próximas eleições presidenciais.

**MAR DE LAMA NA ESPANHA.** As eleições parlamentares espanholas foram antecipadas de outubro para 6 de junho. O motivo é o desgaste acentuado do PSOE. E ele também foi atingido por escândalos como os que abalam o PSI e o PSF. Um esquema de tipo PC veio a luz, mostrando como o partido recebia dinheiro dos empresários através de empresas de consultoria como a Filesa, a Malesa e a Time Export. O montante levantado ultrapassa os nove milhões de dólares. As acusações envolvem toda a cúpula do partido, já enlameada pelo escândalo envolvendo Alfonso Guerra em um esquema de tráfico de influência.

**CAPACETES AZUIS POR TODA PARTE.** Tropas colocadas sob os auspícios da ONU estão sendo cada vez mais requisitadas nos focos de tensão internacional, em número cada vez maior. Há hoje 20 mil capacetes azuis no Camboja, 14 mil na Croácia e 8 mil na Bósnia. A retração dos EUA do papel de mercenários - que exerciam sob Bush - colocará exigências ainda maiores. Só a retirada americana da Somália deverá ser coberta por 55 mil soldados da ONU. E a recusa de Clinton em intervir no vespereiro da Bósnia exige, segundo a OTAN, que os 60 mil soldados necessários aos planos de "paz" propostos sejam organizados sob a bandeira da ONU.

**ÁFRICA DO SUL: NEGOCIAÇÕES VIOLENTAS.** O assassinato do dirigente comunista negro Chris Hanu por militantes de um movimento neonazista africano, dia 10 de abril, alimenta ainda mais a violência no país. Os acordos de transição que estão sendo negociados entre o governo e o CNA são contestados por forças políticas de extrema-direita brancas, como o Partido Conservador, pelo movimento negro Inkata e por outras forças nacionalistas e de esquerda, como o Congresso Pan-Africano. A violência que provocou 2.500 mortos em 1992 tornou-se, nesse cenário, um instrumento cotidiano de luta política.

**A** confrontação aberta entre Yeltsin e a maioria do Parlamento da Rússia no final de março foi momentaneamente encerrada pela aprovação de um plebiscito a ser realizado em 25 de abril. Os eleitores poderão se pronunciar sobre Yeltsin, sua política econômica e a realização de eleições para presidente e para o Parlamento. A maioria do Parlamento soube voltar contra Yeltsin sua proposta de realizar um plebiscito, em que esperava aprovar uma maior concentração de poderes em suas mãos. Mas a legislação sobre o plebiscito votada prevê que ele só terá validade se seus quesitos forem aprovados por 50% dos eleitores. O voto não é obrigatório, todos os analistas apontam uma enorme apatia política e agora Yeltsin esforça-se para não ter um resultado desmoralizante.

**PANO DE FUNDO.** A erosão da coalização instalada depois da tentativa de golpe de agosto de 1991 já era visível em dezembro de 1992, quando o ultraliberal primeiro-ministro Gaidar foi substituído. Ela vinha sendo capitalizada, dentro das estruturas de poder do Estado, principalmente pela União Cívica, um aglomerado centrista de diferentes setores sociais, mas principalmente da burocracia responsável pela gestão da economia.

Inicialmente comprometida com Yeltsin e seu plano de restauração do capitalismo, ela vinha demonstrando crescente preocupação com a deterioração da economia russa, afastando-se do programa liberal e defendendo um ritmo mais lento de reformas, com uma certa recentralização das estruturas de poder cada vez mais fragmentadas entre as 19 repúblicas e 83 regiões em que se divide a Rússia.

O "conflito constitucional" e a tentativa de "golpe branco" de Yeltsin radicalizaram este processo de afastamento e levaram à proposta do plebiscito, levantada por Yeltsin, mas de fato temida tanto por ele como pelo Parlamento, já que o descrédito com os políticos atinge a ambos os lados da elite no poder.

**OCIDENTE.** No cenário instalado, Yeltsin optou por participar do plebiscito, tal como estabelecido pelo Parlamento, ainda que tentando alterar seus termos. Com a reunião de cú-



pula com Clinton já marcada para Vancouver em 3 e 4 de abril, ele não podia continuar a manter a guerra aberta contra o Parlamento. E a própria reunião transformou-se em um instrumento da campanha para o 25 de abril. Yeltsin procura compensar o enfraquecimento de sua situação na Rússia com o apoio ocidental. O 1,6 bilhão de dólares que obteve de Clinton é insignificante para enfrentar a crise econômica, mas suficientes como instrumento para promessas de campanha.

Desencadeou-se também uma feroz batalha pelo controle da mídia. Os liberais vinculados ao presidente têm na intelectualidade uma forte base de sustentação, mas o Parlamento procura contra-atacar, retirando a mídia do controle do Executivo. Os jornais estão divididos: o *Izvestia*, o *Trud* e outros alinham-se com Yeltsin, enquanto o *Pravda*, o *Rabochaya Tribuna* e outros estão do lado do Parlamento. E a televisão, sob controle de Yeltsin, passou a ser pressionada pelo Parlamento para adotar uma posição menos partidária.

**OS MILITARES E O RISCO DE FRAGMENTAÇÃO.** A reação às medidas de Yeltsin mostraram uma profunda divisão tanto geográfica como setorial no interior dos setores que controlam o aparato de Estado na Rússia. As repúblicas de Chuvashia e as regiões de Vorkuta e Kuban declararam seu apoio a Yeltsin. As repúblicas de Karelia, Sakha, Dagestan, Tuva e Komi e as regiões de Chelyabinsk, Kha-

barovsk e Kunbass (a importante zona industrial da Sibéria) posicionaram-se a favor do "respeito à Constituição" (isto é, ao Parlamento). Nos últimos anos, com o enfraquecimento do poder central, houve uma enorme expansão dos poderes das máquinas administrativas locais. Há uma tendência de que as unidades militares estacionadas nas várias repúblicas e províncias vinculem-se às autoridades regionais na medida em que a luta pelo poder se desenvolva. A situação dos militares não pode ser compreendida fora de sua imbricação com outros setores do aparelho burocrático.

O perigo da fragmentação das Forças Armadas limita a capacidade dos altos comandos militares - organizados nos ministérios da Segurança, Interior e Defesa - posicionarem-se por um lado ou por outro fora do contexto da disputa global em curso. Tanto o presidente como o Parlamento têm prometido aumentar os poderes das autoridades locais em troca de seu apoio político, mas há uma grande desconfiança destes setores face às pretensões de Yeltsin de construir um Executivo forte. E o vice de Yeltsin, que assume no caso do seu impeachment, é um ex-piloto, Alexander Rutskoi, bastante popular entre os militares, o que facilita bastante o apoio ao Parlamento. Rutskoi já tomou uma boa distância de Yeltsin e articula-se com a maioria do Parlamento.

JOSÉ CORRÊA

## RETRATOS DA MISÉRIA



**POPULAÇÃO DE RUA**  
MARIA ANTONIETA DA COSTA VIEIRA, ENEIDA MARIA RAMOS BEZERRA E CLEISA M. MAFFEI ROSA (ORGS.)

Esta obra é bastante interessante porque vem retratar de forma clara e objetiva marcas reais de uma sociedade que não garante trabalho nem teto. Trata-se de uma publicação significativa realizada a partir de pesquisa feita por profissionais da Prefeitura de São Paulo, na gestão Luíza Erundina de Sousa.

As questões fundamentais tratadas neste livro dizem respeito ao universo dos moradores de rua que, à primeira vista, parecem estar distantes de nosso universo e convívio, mas que, ao mesmo tempo, são nossos vizinhos, vivendo conosco espaços comuns na cidade: "Quem é afinal este povo de rua? De onde vieram, como trabalham, onde ficam e como vivem aqueles que são considerados como o fim da linha da humanidade?"

Editora Hucitec e Prefeitura de São Paulo.  
Formato: 16 x 23, 181 págs.



**RECESSÃO E INFLAÇÃO**  
FABRÍCIO AUGUSTO DE OLIVEIRA E GERALDO BIASOTO JÚNIOR (ORGS.)

Esta é uma obra que avalia de forma muito competente a política econômica e os problemas econômicos brasileiros - das mudanças estruturais aos resultados trágicos expressos nos altos índices de desemprego e miséria urbana.

Trata-se de um trabalho realizado por pesquisadores de um dos mais conceituados centros de estudo de economia do Brasil: CECON/IE/UNICAMP.

Apresentam-se ao leitor um debate sobre os rumos do nosso desenvolvimento e uma rica avaliação crítica sobre políticas adotadas até o momento em nosso país.

Editora Hucitec/Fecamp. Formato: 14 x 21, 235 págs.

PEÇA CATÁLOGO GRÁTIS



EDITORA HUCITEC  
RUA GIL EANES, 713  
SÃO PAULO-SP CEP 04601-042

À VENDA NAS LIVRARIAS, OU DIRETAMENTE NA EDITORA.  
FONES: (011) 543-0653, 530-9208 FAX: (011) 535-4187

# A vida como ela é

Nosso repórter conta o que viu em Cuba: lá, criança é uma boa idéia.

Cuba, dois choques: um na chegada, um na saída. Cheguei à noite; aquelas luzes esparsas eram a cidade de Havana, imensa, dois milhões e duzentos mil habitantes. O avião sobrevoava já há algum tempo aquela cidade às escuras. Aterrissamos no Aeroporto Internacional...osé...artí. O JeoM, queimados, deixaram um branco em minha cabeça. "Estou chegando numa guerra", pensei. Trinta dias depois, na volta, tive de ficar uma noite num hotel nos arredores de Caracas, Venezuela. Vinha

com aquele pensamento de bastidor - um pouco de capitalismo vai me fazer bem... Mas foi o contrário. Conviver, apesar das poucas horas, com aquele favelário *caraqueño* grimando as montanhas enormes; enfrentar de novo o ritmo alucinado do trânsito, dividido entre engarrafamentos gigantescos ou uma velocidade que faz das lotações cariocas carinhos de bebê; ficar frente a frente com autoridades de trato arrogante e manifesto desprezo; comprar a integridade das malas à custa de gorjetas, ai Deus, essa volta abrupta à América Latina do FMI me deu saudades imediatas das qualidades e de todos os problemas que eu encontrara na ilha.

Em Cuba, há um ar de que muita coisa não funciona. Em Havana o sistema de transporte está em colapso. Nas fábricas, muitas vezes os trabalhadores não trabalham por falta de material. Além disso, há dados culturais (acho) misturados com coisas de burocracia socialista (dizem): há uma paixão nacional por "consultar o chefe". E o chefe, por sua vez, consulta o chefe, e o chefe do chefe. Cubano tem um certo gosto por segredo. Nada se diz diretamente. Um dia perguntei se ia haver um prometido encontro com Fidel. "Pode ser que algo se passe esta noite", foi a resposta. Há sempre este ar de intriga internacional. Acho que isso tem menos de socialismo e mais dos tempos em que os hotéis eram da Máfia. Hotel, aliás, em Cuba, é um caso à parte. São o campo preferido de prostituição, onde atuam as "jineteiras", ou "jineteros", como são chamados. Às vezes, em troca de objetos, como xampus.

**O MÉDICO DE FAMÍLIA.** Uma coisa funciona em Cuba: medicina. Não se trata apenas do dado estatístico de que a expectativa de vida na ilha é de 76 anos, e com pouca diferença entre homens e mulheres. As pessoas sabem onde ir, como ir, esperam ser atendidas, são atendidas, as decisões se tomam e se cumprem. O sistema médico cubano, que já



Os ônibus em colapso...



... e a alternativa familiar.

FOTOS DE FLÁVIO AGUIAR

era eficiente, foi revolucionado nos últimos 5 anos pela implantação dos "médicos de família". O "médico de família" é hoje uma especialidade. Começa por uma casa, onde é o consultório. Ao lado, ou em cima, mora o médico. Perto, ou também ao lado, mora a enfermeira. Essa "unidade" tem sob sua responsabilidade de um conjunto de quadras. Visitei o consultório do Dr. Fernando, perto de onde eu estava morando. Visita de surpresa, nada de combinações. Numa conversa de duas horas, ele me deu um quadro da saúde no seu bairro, nas imediações, em Cuba. Ele é o primeiro ponto onde as pessoas devem ir, para qualquer problema: emotivo, emocional, físico, crônico, acidente, orientação sexual, tudo. Tem cerca de oitocentas pessoas sob sua "jurisdição". Casos de pneumonia, bronquite, agora são tratados em casa, com vantagens para a família e para o doente. Se alguma criança de sua jurisdição é internada, ele deve visitá-la, e à família, diariamente, mesmo que ela esteja sob a responsabilidade de outro médico. A vacinação e os exames preventivos de câncer feminino, feitos anualmente, também passam por ele. Na época devida, ele deve ir até a casa do ou da paciente e avisá-la: "Olha, está na hora do exame, da vacina" etc. Essa prática fez cair o número de óbitos por câncer em Cuba, explicou-me. Em compensação, o "período especial", de escassez, provocou um aumento dos casos ligados a "stress" - no caso, à angústia e à incerteza que a nova situação provoca, com a relativa falta de alimentos e uma sensação de insegurança e perda de status. Cresceram assim os casos de acidentes cardiovasculares, cérebro-vasculares, os acidentes de trabalho e de rua.

**DROGAS: QUASE SÓ MACONHA E ALCÓOL.** O consumo de drogas injetáveis ou "pesadas", tipo cocaína, é desprezível na ilha. Existe algum consumo (mais sistemático) de maconha, além, é claro, do tabagismo e do

alcoolismo, que também aumentou com o "período especial", sobretudo porque aumentaram as destilarias de fundo de quintal. Em compensação, o uso da bicicleta e do "a pé" eliminaram um problema de "primeiro mundo" que já assolava os cubanos, feitos sobretudo a frituras de porco, batata, plátano e o arroz com feijão, que lá se chama de "moros e cristianos": a obesidade.

**CRIANÇAS, CRIANÇAS.** Outra coisa que funciona, em Cuba, é a infância. As crianças estão na escola, são atendidas, nunca vi qualquer criança no desamparo. Mesmo estas que perseguem os turistas atrás de chicletes, canetas e moedas têm um ar desenvolvido de causar inveja a alemão de Santa Catarina. Estão alimentadas, apesar da escassez reinante. É bom também que se qualifique essa escassez. Há uma desorganização do sistema de abastecimento, a começar pelo transporte. Há comida, de um modo geral, embora as quotas hoje, por si só, sejam insuficientes. O maior problema é que elas custam para chegar. As pessoas têm de se virar, comprando no mercado negro, ou em dólar, com amigos estrangeiros. Quando chega comida no entreposto, há um pequeno tumulto nos bairros. Corre a notícia: "Chegou repolho!" (os cubanos adoram). Logo se vê a multidão de velhinhos, velhinhas, crianças, adultos, correndo para lá. Forma-se a clássica fila. Com comentários e reclamações. Um velhinho mais exaltado reclama: "Nos anos 30 eu pagava vinte centavos por um quilo de carne de porco! Hoje, pago vinte pesos por um quilo! Onde vamos parar? E isso, quando há!", continua ele. Penso na inflação brasileira. Mas calo-me: ele está certo em reclamar. É um

gesto cidadão. Prefiro isso às filas cabisbaixas, de gente subalternas, confundindo resmungar com reclamar, que estou acostumado a ver.

Agora, o que não chega mesmo é gasolina. Quando corre a notícia de que vai haver gasolina num determinado posto, as pessoas começam a empurrar seus velhos carros soviéticos, ou os mais velhos americanos, já na noite anterior, para guardar o seu lugar. Ouvi referências a casos de desvio de comida, nos acampamentos agrícolas, para o mercado negro. No entanto, ninguém me falou num "sistema de corrupção".

Esta situação vê-se complicada pela existência, ao lado desta economia de escassez, de uma florescente economia em dólar, a "diploeconomia". Inicialmente, planejaram-se "tiendas" para turistas e diplomatas, como meio de obter divisas. Com a escassez e relativa desorganização da economia cotidiana, esta cresceu em importância. Só portadores de passaporte podem entrar; em alguns lugares, cada portador de passaporte pode levar um, e só um, cubano, como acompanhante. Este, assim mesmo, compra pelo passaporte do outro, na moeda do outro. Esta situação gera mais desconforto do que toda a escassez junta: os cubanos sentem-se cidadãos de segunda categoria em seu próprio país, e são cidadãos altamente escolarizados, bem informados, com alta expectativa de vida, com uma auto-estima danada: não são os desvalidos pobres, sejam multidões ou alguns, do "paraíso capitalista". Reclamam, reclamam. Mas dizem: a culpa maior é do bloqueio. Mesmo os que mais reclamam, dizem: enquanto o bloqueio durar, estamos com o governo: "Si, por Cuba".

FLÁVIO AGUIAR

**IMPRENSA.** Os cidadãos buscam e gostam de informação. A TV cubana tem noticiários que, bem pesados, são bem melhores que o Jornal Nacional da Globo. As notícias são mais extensas, e não têm aquele ar sensacionalista ou de festa na paróquia característicos da nossa TV. Há um oficialismo em algumas notícias que cansa. Por exemplo: se aparecem atividades das Forças Armadas revolucionárias, o noticiário se estende, se estende, se estende... As pessoas querem mais debates e programas de variedades, mais músicas, com destaque para as telenovelas brasileiras, que são adoradas e idolatradas. Passam muitos filmes americanos na TV. O jornalismo impresso, diário, se resume ao *Granma*. Poucas páginas, tamanho pequeno, linguagem para-oficial, mas as notícias lá estão. Faltam mais páginas de debates, com pontos de vista diferenciados. Pensando bem, se se tirasse a parte de publicidade, e se espremesse bem, a *Folha de S. Paulo* se reduziria a algo só um pouco maior do que o *Granma*, que parece, digamos, um *Estadão* condensado.

**RELIGIÃO.** *Campeia solta.* Dois pastores protestantes foram eleitos para a Assembléia Nacional. Há de tudo. A população cubana é muito crente, assim de uma crença difusa, onde entra de tudo um pouco: cristianismo, religiões afro (santeria), e um "fechismo de bom humor" que inclui figas brasileiras de madeira (disputadas) e santinhos e corações de Jesus de todo o tipo. Ninguém se importa com isso: é assunto particular. A Igreja Católica foi abandonada pela população, porque no começo se posicionou frontalmente contra a revolução. Agora está se recuperando. Não há perseguição religiosa em Cuba.

**AIDS.** Dados do Ministério da Saúde apontam a existência de 994 soropositivos no país. Houve quatro crianças contaminadas. Duas morreram, duas estão vivas. Médicos me afirmaram que a expectativa média de sobrevivência de um aidsético desde o aparecimento de um quadro clínico de enfermidade é de 13 a 14 anos. É muito alta. Não sei como calculam, dado o pouco prazo da própria epidemia. É verdade também que não sou estatístico, nem médico.

Os soropositivos foram a princípio confinados em sanatórios especiais. A medida gerou polêmica. "Não sabíamos com o que estávamos lidando, no começo", diz o vice-ministro que veio à entrevista. "Ninguém sabia", acrescenta. Hoje os contaminados vivem em regime de semi-isolamento. Os que demonstram um comportamento tido como "responsável" têm permissão para sair durante o fim de semana. As informações de que dispus dizem que os sanatórios são de boa qualidade, e o tratamento idem. As visitas são livres. Os exames de HIV tornaram-se rotina: qualquer pessoa que passe por algum hospital, posto de saúde, policlínica, e que deva por alguma razão ter seu sangue examinado, faz o teste. Cuba tornou-se auto-suficiente em matéria de testes: são baratos e não dependem de nenhum material importado. Não há comércio de sangue, o que elimina a transmissão por transfusão.



A primeira cena já deixa evidente que este não é um filme fácil. Policiais norte-americanos espancam o negro Rodney King enquanto em *off* ouve-se a voz de Malcolm X discursando contra o demônio branco que semeia a destruição pelo planeta; corte para a bandeira americana queimando lentamente até descortinar apenas um imenso X. Impossível ficar indiferente. Da abertura à última cena, Spike Lee não glamouriza, não dissimula. Dá o seu recado na veia: racismo. Independente das discussões sobre se *Malcolm X* é ou não seu melhor filme (e não é), virtudes e (alguns poucos) deslizes se fundem em quase três

horas e meia de imagens fortes, das quais o espectador desperta com a sensação de que o recado é ótimo, mas poderia ter sido dado de uma maneira mais, digamos, ágil.

Nem é o caso de se insinuar uma repassada pela mesa de montagem. O problema de *Malcolm X* está no fato de que, ao optar pela elaboração de um roteiro absolutamente fiel à autobiografia de seu ídolo de adolescência, o diretor esbarrou em um excessivo academismo. Por vezes sente-se falta da ousadia presente em *Faça a Coisa Certa*. Os elementos que de quando em quando Lee enxerta aqui e ali não são suficientes para alcançar um ponto de equilíbrio numa película tão longa, por conseqüência sujeita a algumas passagens um tanto redundantes, como acontece nos conflitos matrimoniais entre Malcolm e esposa. O preço pago pelo diretor é que o filme é pesado, difícil. Em outras palavras, antibilheteria. Uma pena, já que seu conteúdo justifica que seja visto pelo maior número possível de pessoas, aliás a intenção original de seu realizador. No Brasil, onde se discute a volta da Família Real (*sic*) enquanto milhares de crianças (pelo menos metade delas negras) morrem de fome nas ruas, ele cai como uma luva.

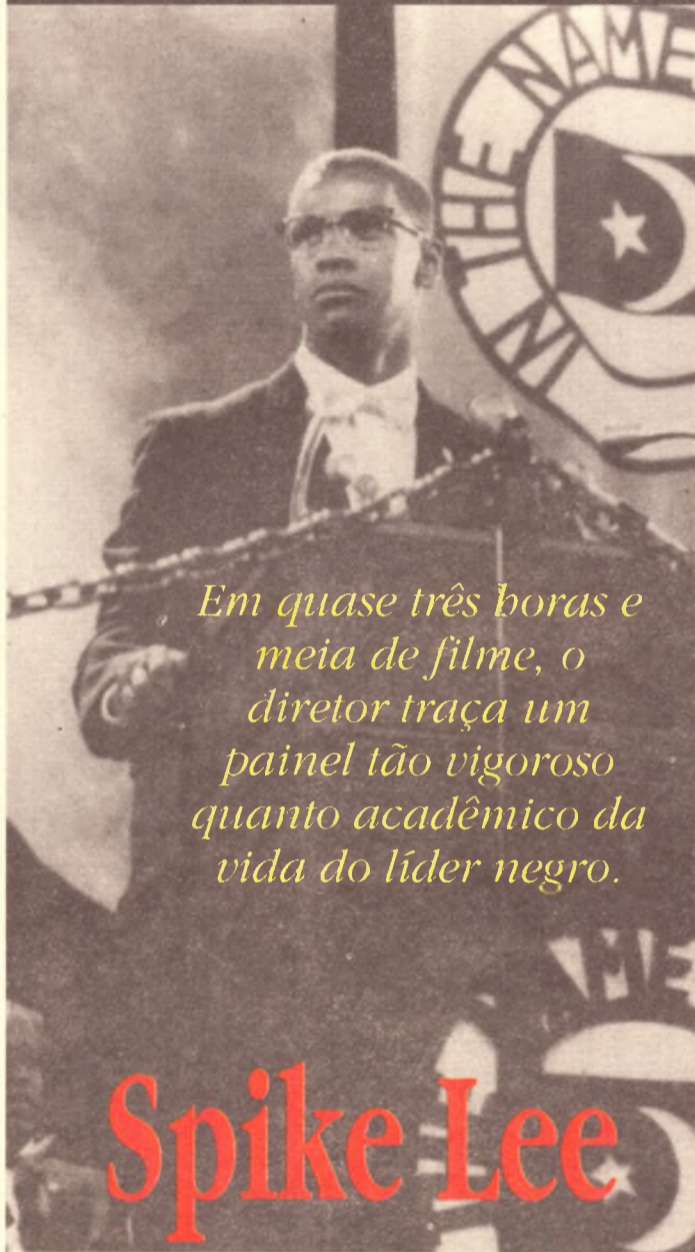
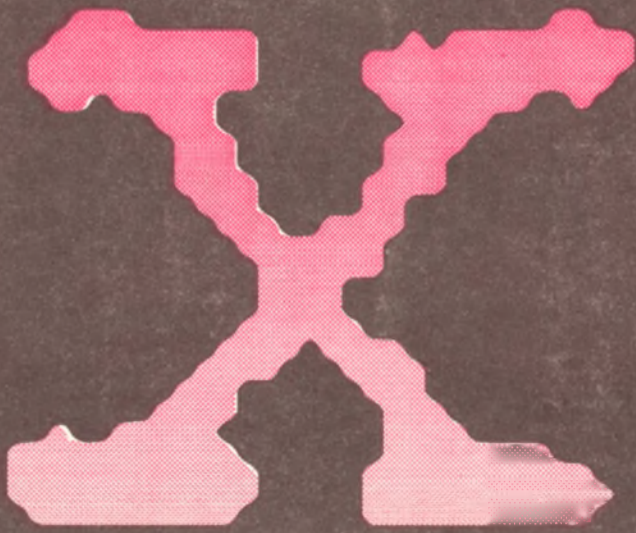
Mas o filme tem muitos predicados. Um deles é a interpretação magistral de Denzel Washington, que já trabalhara com Spike Lee em *Mais e Melhores Blues* e vencera o Oscar de melhor ator coadjuvante em 1990 por *Tempos de Glória*, o épico do diretor Edward Zwick. Denzel não interpreta Malcolm X, ele é Malcolm X. Notadamente na fase pós-islamismo radical, onde as aparições públicas, captadas em preto e branco no estilo documentário, adicionam realismo à sua perfeita caracterização do personagem. Outro é a fotografia de Ernest Dickerson (fotógrafo de Lee desde os primeiros tempos), que acompanha as três fases do roteiro; os anos de vida pregressa recebem cores fortes e sensuais, o período de prisão recebe tons frios e o desenvolvimento de Malcolm como ativista diferencia-se do resto por não receber nenhum tratamento especial. Spike Lee, na figura do amigo Shorty, mais uma vez interpreta a si mesmo. Ele sabe disso, e tira partido acrescentando sempre o elemento engraçado com sua atuação.

Uma das melhores assinaturas de Spike Lee em seus trabalhos são as trilhas sonoras. Fã incondicional de música - notadamente dos ritmos negros -, leva-os consigo para as telas, tornando-os referências quase obrigatórias de seus filmes. Foi assim com *Faça a Coisa Certa*, *Mais e Melhores Blues*, *Febre da Selva*. *Malcolm X* acaba sendo um desfile de astros: Sam Cooke, Ottis Reding, Mahalia Jackson, Billie Holiday. Esta por exemplo ganha uma seqüência na qual está cantando em um cabaré esfumaçado e chique do Harlem, quando Malcolm é obrigado a fugir de seus antagonistas. Durante a produção, nem tudo foram flores. O orçamento inicial de US\$ 20 milhões estourou e Lee foi obrigado a sair com o chapéu na mão pedindo ajuda às estrelas negras americanas. Bill Cosby, Prince, Tracy Chapman, Michael Jordan e Magic Johnson contribuíram com mais US\$ 14 milhões. E as filmagens puderam prosseguir.

O filme acaba sendo o que se pretende, um libelo anti-racismo. Mais em função de seu conteúdo do que pela leitura de Spike Lee acerca da vida do personagem. Durante todo o tempo observa-se um diretor preocupado em reverenciar a lenda Malcolm X. O que de maneira nenhuma invalida sua direção segura. Com *Malcolm X*, Spike Lee inscreve definitivamente seu nome no rol dos mais importantes diretores norte-americanos da atualidade. Se é que havia ainda alguma dúvida. A estréia do filme no Brasil ocorreu durante a Semana Santa. Mera coincidência. Demorou a estreitar no Brasil porque foi considerado pelo distribuidor original "de temática difícil e alheia à realidade do país". Ledo engano. Embora não vá atrair grande público, cumpre as mesmas funções que nos EUA, ou seja, colocar o dedo na velha ferida que a sociedade brasileira tenta varrer prá debaixo do tapete. Isso é muito mais que simples "entertainment".

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA

MALCOLM



*Em quase três horas e meia de filme, o diretor traça um painel tão vigoroso quanto acadêmico da vida do líder negro.*

Spike Lee

reverencia seu ídolo



MALCOLM X  
POR  
MALCOLM X

Seria esperar demais que o roteiro de Spike Lee e Arnold Pearl conseguisse traduzir em imagens toda a força de *Malcolm X - Autobiografia*, que a Editora Record acaba de recolocar nas prateleiras. As 430 páginas revelam o pensamento vivo de um homem que acreditava que as únicas pessoas que realmente mudaram a história foram as que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmos. Malcolm X, o homem, conseguiu esse feito: décadas após seu bárbaro assassinato, seu papel nunca teve tanta importância como agora.

Malcolm X - ou antes disso, Malcolm Little - viveu o inferno na Terra antes de beijar o céu do Islã. Bebeu, cheirou, viciou-se, roubou, trapaceou, traficou. Tudo isso Spike Lee não deixou de fora. Mas ouvir isso do próprio Malcolm, sobre os tempos em que era da pesada, é embarcar nas reminiscências de um homem que ainda não havia descoberto a verdade sobre si mesmo, a verdade sobre ser um homem preto, mas que se preocupava com isso. Em nenhum instante Malcolm revela autocompaixão nas palavras ditadas ao jornalista Alex Haley (também autor de *Negras Raízes*). Para ele, sua vida pregressa - na qual só por muita sorte e autocontrole não assassinou ninguém - foi uma espécie de aprendizado para sua conversão, acontecida quando estava na prisão.

O livro deixa claro também que toda a sua dialética refinada, arma com que enfrentava a sociedade branca intolerante, sempre estivera guardada dentro de si, frutos amargos de uma infância de pobreza extrema, repleta de humilhações e convívio com a violência - seu pai foi morto pela Klu Klux Klan, e sua mãe enlouqueceu por conta disso. Antes de defender o separatismo negro muçulmano, Malcolm atraía e era enormemente atraído por mulheres brancas. A primeira pessoa a influenciá-lo decisivamente foi a meia-irmã Ella, filha do primeiro casamento do pai, que o visitava regularmente. Ella Little era seu nome, e foi a primeira pessoa a injetar no jovem Malcolm o orgulho de ter a pele escura.

A partir do momento em que tornou-se Malcolm X, após sua "ressurreição", sentiu-se seguro o suficiente para incendiar a consciência pública. Quando descreve as concentrações de massa que aglutinavam centenas de milhares de pessoas para ouvi-lo, o faz recusando receber para si qualquer mérito. Possuía plena consciência de seu papel. "Eu tinha que arrancar o halo que os 'liberais' se esforçavam em cultivar. Os liberais do Norte estava há tanto tempo apontando dedos acusadores para o Sul e escapando impunes, que tinham acessos quando eu os denunciava como os maiores hipócritas." Era assim que combatia a pseudo "integração racial" da década de sessenta.

A obra revira as reminiscências das quatro décadas de sua vida. Após transformar de maneira radical o panorama sócio-político da América, Malcolm sabia que seria morto, o que acabou acontecendo no mesmo Harlem nova-iorquino onde tempos antes fora um dos reis do submundo. Era temido e reverenciado, e fazia uso especial dessa condição principalmente no trato com a imprensa. Tudo isso está em *Malcolm X - Autobiografia*, muito mais fluente e dinâmico que o filme de Spike Lee. Visto de uma perspectiva contemporânea, a obra, editada originalmente em 1964, ainda preserva todo seu impacto.

C.E.O.



BRASIL  
AGORA

EXTRA: CRIADO NOVO PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO: O PARTIDO  
SOCIALISTA DOS TRABALHADORES-  
UNIFICADO!



Rômulo



A greve do funcionalismo público estadual foi o primeiro grande enfrentamento de massas ao governo Hélio Garcia. Com assembleias de até 10 mil trabalhadores, esta mobilização representa um marco importante no enfrentamento com o governo do estado.

O movimento sindical e o Partido dos Trabalhadores devem se debruçar sobre a análise desse movimento, procurando sua dimensão política e o seu significado na continuidade da ação oposicionista no estado. Para iniciar este debate, o **Minas Agora** foi ouvir a opinião do presidente da Coordenação Sindical, Euler Ribeiro, do presidente da CUT/MG, Carlos Calazans, e do líder do PT na Assembleia Legislativa, deputado Antônio Carlos Pereira (Carlão).

Após as eleições de 1992, uma avalanche de recursos se interpuseram nos tribunais eleitorais. De um lado, os partidos procuraram resolver pendências do processo político junto à "toda poderosa" Justiça. Esta tem tido uma importância cada vez maior nas eleições.

Na pág. 3, Jorge Nahas, secretário de Assuntos Institucionais do PT/MG, comenta este fato a partir de ações que tiveram a participação do PT, tendo, inclusive, sofrido com o episódio da recontagem de votos em Ipatinga e a decretação de inelegibilidade do prefeito e vereadores do Partido dos Trabalhadores em Ilicínea.

Grande parte da população mineira está mergulhada na extrema pobreza. A concentração de renda é a grande responsável pela miséria de milhares de famílias, é o que atestam os dados de pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) e do Anuário Estatístico do IBGE. Este estudo é comentado na pág. 4.

DE OLHO NA JUSTIÇA



# Batalha perdida, mas não a guerra

*Achamento salarial é aprovado na Assembléia, mas o funcionalismo mantém a greve.*

O que poderia ter sido apenas uma mentira de 1º de abril foi para o funcionalismo público do estado uma verdadeira angústia. Afundados em uma greve desde o dia 10 de março, assistiram, no dia 1º, a vitória da bancada governista na aprovação do projeto de reajuste proposto pelo Executivo. Além de não terem tido recuperados os salários corroídos pela inflação, os servidores públicos ficaram sem a reivindicada política salarial. Ou seja, os cerca de 410 mil funcionários de todo o estado ficaram sem uma definição que lhes garanta a recuperação dos salários para os próximos meses.

A derrota, numa tumultuada sessão de mais de 12 horas na Assembléia Legislativa, com um dia de ocupação pelos servidores, significou para o líder do PT, deputado Antônio Carlos Pereira, a vitória da subserviência da bancada governista, que votou não pelos interesses dos servidores públicos, mas na defesa do governador Hélio Garcia. "A Assembléia Legislativa perdeu uma grande oportunidade de se afirmar enquanto poder que efetivamente representa a sociedade", diz um desanimado deputado.

A greve dos funcionários públicos do estado, por reajuste e fixação de uma política salarial, ganhou uma nova dimensão a partir daí e se transformou num cavalo de batalha entre o governo e seus servidores. Intransigente quanto ao índice proposto em seu projeto (87% pagos em três parcelas), Hélio Garcia não acabou com a greve de milhares de funcionários em todo o estado e se recusa a negociar, ainda mais agora que tem o endosso do Legislativo.

A bancada do PT lutou isolada, na tentativa de impedir a votação do projeto, tentando negociar melhores índices para os servidores. Optou pela obstrução durante quase todo o mês de março e reuniu lideranças para tentar convencer outras bancadas na defesa da dignidade do funcionalismo. A luta foi em vão. Não conseguiu sequer uma audiência com o governador para negociar.

Do seu lado, Hélio diz que só negocia com o fim da greve. Os funcionários dizem que sem negociação a greve continua. Ao decidir não negociar, Hélio Garcia desconhece o direito de greve e declara guerra contra o funcionalismo, que rebate em um coro que já atinge quase a totalidade dos cerca de 200 mil trabalhadores no ensino em todo o estado e centenas de trabalhadores de outros setores da administração estadual.

"Há um completo desrespeito aos movimentos sociais. O governador está negando o direito de organização, e mais, está desrespeitando a Constituição, que garante o direito de greve", diz o informado líder sindical Euler Ribeiro, para quem Hélio Garcia está firme na proposta de derrotar o movimento.

**PODER DE FOGO.** O ponto comum que une os cerca de 410 mil funcionários públicos em Minas Gerais é a falta de uma política salarial e o achamento promovido pelo atual governo. Tão grande que levou os funcionários a uma greve unificada. Fazenda, Saúde, Educação e outros setores se uniram, pela última vez, em 1977, numa greve que durou 71 dias, durante o governo Newton Cardoso. De lá para cá o movimento se diluiu porque Cardoso, como

Hélio, promoveu a espoliação do funcionalismo público. "Hoje estamos começando a recuperar o movimento", anima-se o sindicalista.

O poder de fogo do funcionalismo unificado, na avaliação das lideranças, é muito maior. O diretor do Sindicato dos Trabalhadores no Ensino - entidade que agrega a maioria do funcionalismo, com cerca de 200 mil servidores em todo o estado -, Davi Maximiliano, afirma que a única

força política organizada capaz de se contrapor à política de Hélio Garcia é o movimento organizado dos servidores públicos.



Servidores do estado mantiveram a vigília durante a votação na AL

visando garantir a preservação do serviço público. Hélio Garcia não se dispôs a negociar e empurrou o funcionalismo para a greve. Agora vem com o discurso de que negocia com o fim da greve. Por que não negociou antes?", pergunta Euler Ribeiro.

zans, faz duras críticas ao desmonte do estado, segundo ele promovido pelo governador Hélio Garcia. "Hoje, educação, saúde, desenvolvimento de pesquisa e todos os serviços que são obrigação do estado estão à míngua. O funcionalismo recebe salários humilhantes, um dos mais baixos de sua história. Esta é a realidade do serviço público estadual, que vem sofrendo um processo de desmonte, onde o governo cada vez mais se afasta de suas obrigações."

Calazans denuncia que Hélio Garcia implanta um projeto neoliberal em Minas Gerais que favorece aos interesses do setor privado, enquanto tenta justificar para a população a falta de dinheiro para pagar melhores salários e investir na melhoria dos serviços prestados à população.

"O governador, para fugir de seus compromissos, tenta passar à população a idéia de que os servidores são do povo e que o estado não é patrão. Na realidade, ele assume os interesses dos setores privados, apostando na privatização dos serviços públicos. E por isto que não interessa a ele uma solução", afirma.



"Se não fosse a greve, Hélio Garcia não teria concedido o aumento de mais 39% sobre o índice já determinado de 21% para o mês de março.

Ainda que este índice seja insuficiente, e é por isto que a greve continua, foi a paralisação que o forçou a conceder a diferença. Vamos continuar na luta para impor negociação ao governador", diz Maximiliano. No projeto original, Hélio concedia três parcelas: 26% em janeiro, 23% em fevereiro e 21% em março.

"O funcionalismo tentou negociar melhores salários vários meses antes da greve,

Mas a falta de uma política salarial capaz de poupar os salários da corrosão inflacionária é outra grande preocupação dos servidores. "Sem a política salarial temos, todo mês, de ficar mendigando reajuste ao governador. Isto é humilhante para a categoria", diz.

Euler Ribeiro alerta para a disposição do governador de minar a unificação. "Ele tem dado um tratamento diferenciado. Elevou de 25% para 60% o índice que atinge, em grande maioria, os trabalhadores que não estão em greve. Reservou ao magistério o aumento da gratificação de 'pó de giz', paga aos professores em sala de aula, de 20% para 50%. Para os servidores da Fazenda não deu nada, numa tentativa de puxá-los para uma negociação em separado. O que ele está tentando mostrar é que não adianta a greve unificada porque ele trata cada setor de acordo com as suas especificidades."

**NEOLIBERALISMO.** O presidente da CUT, Carlos Cala-



Ocupação da Assembléia Legislativa de MG pelos funcionários públicos

MARCELO SANTANNA

JERÔNIMO DAS



# A guerra nos tribunais

O PT briga na Justiça para garantir a vitória das urnas

Passados seis meses das eleições municipais, a disputa pelo poder deixa as ruas e o corpo a corpo das campanhas para ganhar as Juntas Eleitorais e os Tribunais. Esta outra guerra - mais surda - tem ganhado adeptos tanto da direita como da esquerda, que tem utilizado, cada vez mais, os recursos da Justiça para obter ganhos ou evitar perdas no campo eleitoral.

Em Minas, o Partido dos Trabalhadores entrou com vários recursos no TRE, Tribunal Eleitoral, por suspeitas de fraudes, abuso de poder econômico, e irregularidades no processo eleitoral (veja box). No entanto, o partido amarga agora dois processos na Justiça Eleitoral contra seus candidatos eleitos em Illicínea e Ipatinga.

**INELEGIBILIDADE.** Illicínea é uma pequena cidade do Sul de Minas, com 8.900 habitantes, na sua maioria trabalhadores rurais e pequenos agricultores. No final de março, o juiz Laércio Gallate, da Comarca de Boa Esperança, decretou a inelegibilidade do prefeito da cidade, eleito pelo PT, Sílvio Ribeiro Lima, e de todos os vereadores eleitos pela Frente Antiburgesia, formada pelo PT, PDT e PMN. O processo foi encaminhado pelo candidato a vereador derrotado, Derly de Souza, do PSDB. Derly alegou abuso de poder econômico, desvio e abuso do poder de autoridade do ex-prefeito do PT, José Nicodemus de Oliveira, em favorecimento à eleição de Sílvio Ribeiro.

No processo de acusação, o candidato derrotado se baseia em bilhetes e notas fiscais com supostas ordens do ex-prefeito e de membros do seu secretariado, beneficiando eleitores em troca de votos. Nicodemus nega a autoria dos bilhetes, dizendo que o que há "é uma falsificação grosseira de minha assinatura".

O parecer da promotora de Boa Esperança, Tereza Maria Salgado Ribeiro, sugere a necessidade de um exame grafotécnico no sentido de apontar, com credibilidade, o autor das ordens. A sugestão da promotora não foi considerada pelo juiz.

Para o prefeito Sílvio Ribeiro, "nunca se viu tamanha tendenciosidade de um juiz. Há uma clara intenção de varrer o PT de Illicínea", afirma ele. O prefeito estranha o fato de que durante o processo eleitoral e as apurações não houve nenhuma impugnação de urna ou denúncia de qual-



Ipatinga foi às ruas para comemorar pela segunda vez a vitória das urnas

quer irregularidade. O juiz que decretou a inelegibilidade é o mesmo que presidiu o processo eleitoral e diplomou o prefeito e os vereadores.

Sílvio Ribeiro foi eleito com 52,8% dos votos, contra 48% dados ao candidato do PSDB, Varley Guedes. Uma diferença de 254 votos, a mais larga da história política de

Illicínea. O PT entrou com recurso no TRE contra a decisão do juiz e aguarda o seu julgamento.

**SEGUNDA VITÓRIA.** O candidato do PT à prefeitura de Ipatinga, João Magno, venceu a recontagem dos votos determinada pela Justiça Eleitoral, ratificando a sua vitória de 2 de outubro passado. Os

resultados foram divulgados no dia 25 de março pelo juiz eleitoral de Ipatinga, Carlos Roberto de Faria. João Magno ficou com 37.367 votos e João Lamego, do PFL, com 35.280 votos, mantendo praticamente a mesma diferença das eleições passadas.

A recontagem foi pedida pelo PFL, que alegou fraudes na eleição, apesar de não ter ocorrido nenhuma impugnação de urna durante a apuração e o prefeito e vereadores terem sido diplomados normalmente. O pedido foi deferido e mantido pela Junta Eleitoral do município mesmo com o desaparecimento de seis urnas e a violação do lacre de outras oito. Foi aberto inquérito policial para apurar as responsabilidades no caso.

Para João Magno, o trabalho da Junta apuradora serviu para mostrar "quem são os verdadeiros fraudadores das eleições de Ipatinga". Já o candidato do PFL insistiu na sua denúncia e afirmou que o seu partido irá até a última instância para provar que a "fraude foi muito bem feita, o que ficou caracterizado com a recontagem".

O prefeito João Magno afirmou que pretende acionar na justiça o PFL, para que todos os gastos da prefeitura com o processo sejam devolvidos aos cofres públicos. Segundo ele, a administração gastou quase um bilhão de cruzeiros "com esta palhaçada dos nossos adversários, que querem falsear um resultado legítimo, referendado pela vontade majoritária da população".



## PROMESSAS AOS SEM-TERRA

O ministro da Agricultura e Reforma Agrária, Lázaro Barbosa, e o presidente do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), Oswaldo Russo, visitaram pela primeira vez as 143 famílias de sem-terra acampados em Iturama, no Pontal do Triângulo. As famílias, que estão há três anos no local, aproveitaram a visita para reivindicar o assentamento imediato de todos, liberação de recursos para o plantio e a distribuição urgente de remédios e comida.

O ministro e o presidente do Incra anunciaram a intenção de assentar cerca de 20 mil famílias até o final do ano em todo o país. Ambos demonstraram convicção na aprovação, pelo Congresso, da Lei de Reforma Agrária. O presidente da CUT - Central Única dos Trabalhadores -, Carlos Calazans, que estava no acampamento, lembrou que o caso de Iturama é o mais sério e grave do estado e que "os sem-terra não esperam compaixão, mas justiça".

JARLEY DE BARROS

## O PESO DA JUSTIÇA



Jorge Nahas - A Justiça é conservadora e fechada.

O Partido dos Trabalhadores em Minas está envolvido, hoje, em mais de 200 recursos na Justiça Eleitoral. Todos referentes às eleições municipais de 3 de outubro passado. Destes, mais de 40 foram encaminhados pelo partido junto às comarcas e tribunais, sob a alegação de abuso de poder econômico, suspeita de fraudes e irregularidades no processo eleitoral.

Na Justiça, o partido geralmente perde nas comarcas locais e vence nos tribunais. Os tribunais julgam com mais critério, acredita Jorge Nahas, secretário institucional do PT em Minas. Segundo ele, a Justiça ainda é muito conservadora, fechada e morosa. "As comarcas são mais susceptíveis ao poder econômico local e por isso, nelas, dificilmente o PT ganha."

Através de recursos o partido acabou ganhando a prefeitura de Baeependi, no Sul de Minas, e de Resende Costa, no Campo das Vertentes. Em Iturama o juiz da Comarca decretou a anulação das eleições e o processo será julgado pelo TRE.

No entanto, o PT sofre o desgaste dos processos encaminhados contra as duas prefeituras em que se reelegeu, Illicínea e Ipatinga. Para Nahas, nestes dois casos o partido foi vítima do conservadorismo e do caráter de classe que a Justiça ainda tem. "Em Illicínea, o partido é composto basicamente por trabalhadores rurais e, ironicamente, fomos acusados de abuso de poder econômico." O secretário ressalta a importância de destaque que a Justiça vem assumindo no processo eleitoral, para lembrar a urgência da democratização deste sistema.

# Brasil pobre, Minas também

Institutos de Pesquisa confirmam o aumento da pobreza no estado

O resultado de um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) confirmou o que em tese economistas e cidadãos comuns já desconfiavam: o aumento da pobreza no Brasil é consequência da concentração de renda e não mais do crescimento populacional, como se registrava nos anos 70. Segundo a pesquisa, só em Minas Gerais 3.471 milhões de pessoas convivem, diariamente, com o problema da fome.

Em contrapartida, a taxa de crescimento populacional vem caindo nos últimos anos. A taxa média de crescimento da população brasileira caiu de 2,48% em 1980 com relação à verificada em 1991, de 1,93%, segundo o último Anuário Estatístico divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O economista mineiro do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar), João Antônio de Paula, um dos organizadores do estudo feito pelo Ipea, diz que o empobrecimento da população é alarmante e que a concentração de renda, nos moldes em que se observa, precisa ser contida. "A saída para os problemas sociais não está mais no controle da natalidade, como pregavam os governos anteriores", observa João Antônio.

Os levantamentos do IBGE também apontam neste sentido e confirmam os elevados níveis de miséria, empobrecimento e concentração de

renda. O IBGE revela que houve queda real de 31,7% do rendimento dos trabalhadores urbanos, entre 1979 e 1990, e que um décimo da população detém metade da riqueza nacional. Revela também que a economia do país estagnou uma década e a renda per capita do brasileiro caiu 5,3% em dez anos e, mais grave: enquanto os 10% mais pobres respondiam por 0,8% da riqueza pessoal, os 10% mais ricos detinham 48,7% das posses.

Minas não está excluída do fenômeno nacional. Segundo o Ipea, das sete milhões de pessoas economicamente ativas do estado, 3,5 milhões têm renda mensal igual ou inferior a um salário-mínimo. O crescimento estimado do Produto Interno Bruto de Minas também caiu. João Antônio diz que somente a criação de mecanismos compensatórios que potencializem a intervenção do estado no campo social, rapidamente, podem contribuir para a diminuição da pobreza.

**DISTRIBUIR RENDA.** O presidente do Diretório Estadual do PT, Ignácio Hernandez, se diz chocado com os números do Ipea e do IBGE, mas os considera necessários na elaboração de um plano de emer-



Ignácio Hernandez defende retomada do desenvolvimento e distribuição de renda

gência. "Os números das estatísticas impressionam, mas muito mais grave é o drama humano que eles revelam. Os números representam as pessoas, as famílias em extrema

pobreza espalhadas por este país afora", diz.

Segundo Ignácio, o drama da pobreza não será resolvido apenas com planos pontuais, mas com um projeto de desenvolvimento e distribuição de renda que começa por reformas profundas da sociedade. "A reforma agrária, a produção de alimentos para a população e a reforma fiscal, com uma política de impostos que atinja a cada um conforme a sua riqueza, são questões essenciais a serem implanta-

das se o governo realmente quiser resolver este problema", afirma.

O presidente do PT também defende a criação de frentes de trabalho no campo o que, na sua avaliação, resolve dois dilemas: produção de alimento e geração de empregos, restando o trabalhador no campo. O Anuário Estatístico do IBGE revela que aumentou a população urbana, o que retrata o êxodo rural e o aumento de favelas. O Instituto registrou 3.221 favelas no país com 1.048 milhão de domicílios.

O PT sai em campo com a Caravana da Cidadania - uma caminhada do presidente nacional do partido contra a fome e a miséria pelos municípios mais pobres do país. Outra contrapartida do PT é o Plano de Governo de combate à fome e à miséria. "São medidas como esta que vão possibilitar um envolvimento maior da sociedade na busca de soluções para o problema brasileiro", pontua Ignácio.

## BH 100 DIAS

Costuma-se dizer que nos primeiros 100 dias estabeleceu-se uma trégua. É o tempo da Administração tomar pé. Em Belo Horizonte poderia não ter sido assim.

Além de receber a máquina pública em situação um tanto caótica (dívidas, sucateamento em alguns setores e autênticas caixas pretas em outros), a Frente BH-Popular teve que desarmar três bombas de efeito imediato. A defasagem salarial do funcionalismo estourando em janeiro. Uma situação de paralisia no setor de manutenção da cidade e de impasse com as empreiteiras em função da dívida vencida, e isto num momento em que a chuva esburacava tudo. A perspectiva de uma Câmara oposicionista, já que a Frente BH-Popular conta com apenas seis (6) dos 37 vereadores.

As bombas foram desativadas. Os funcionários tiveram um bom reajuste (200% em três parcelas), a cidade teve seus buracos tapados e, na Câmara, não se configurou um bloco oposicionista.

Mas tudo isto passou, como passou também o carnaval que a prefeitura retomou com sucesso nos bairros. Passaram 100 dias. A oposição ameaça levantar a cabeça. Entre os companheiros petistas, de dentro e de fora da Administração, uma sensação de angústia. A máquina, além de contar com poucos recursos, é paquidêmica, custa a se mover... ou falta ousadia por parte de quem está à frente? A discutir.

Qual o balanço? Sinais de uma administração qualitativamente distinta já são perceptíveis. As emergências sociais estão sendo enfrentadas: o projeto Meninos de Rua inaugura suas primeiras unidades de apoio, está em andamento um programa de segurança alimentar que combate a fome, a área de saúde prepara a cidade para evitar o cólera, foram contratados 700 professores e criadas 10 mil vagas em regime de urgência. Antigas pendências estão sendo enfrentadas: até o final do ano o município vai estar em condições de assumir o controle do transporte coletivo. As relações com a sociedade mudaram: em abril instalou-se o Conselho Político da Administração, em maio iniciou-se o processo de participação popular em torno da discussão do Orçamento, o atendimento ao cidadão é considerado prioridade. Acabaram os privilégios; as empreiteiras tem que andar na linha e a Administração não compra mais espaço na imprensa. Finalmente, pensa-se no futuro: o governo movimentou-se febrilmente para atacar a estagnação econômica da cidade.

São os primeiros sinais.

**CARLOS RANULFO**

Assessor de Gabinete do prefeito de BH, Patrus Ananias

## MEMÓRIA

"O solo e o subsolo de Nova Lima forjaram o operário Dazinho para a luta. Na cidade e nos subterrâneos da Mina do Morro Velho ele passou a maior parte de sua juventude e de sua idade adulta. Liderou os mineiros debaixo da terra e no sindicato. Foi pioneiro da Ação Católica nos anos 80, na JOC (Juventude Operária Católica) e ACO (Ação Católica Operária), companheiro de caminhada de Padre Lage.

Em 1962, eleito pelo PDC, compôs com Bambirra e Riani o trio de deputados operários com presença na Assembleia Legislativa de Minas. Em 1964 foi cassado pelos próprios colegas deputados e não pelos militares. Condenado, cumpriu pena, experimentando no próprio corpo a violência da ditadura militar. Solto, voltou ao trabalho, primeiro

numa granja e depois na construção civil.

Com Dona Raimunda teve 11 filhos. Viveu ativamente a resistência nos movimentos populares e sindicais. Na política, militou no MDB, no PMDB e a partir de 1985 no PT, onde foi candidato ao Senado. Suas raízes são rurais: nasceu em Virgíópolis. Daí o bom convívio com os petistas no interior.

Fé e luta resumem os 72 anos de Dazinho. Fé e luta na mina, no sindicato, na cidade, na roça, na igreja, na política, na prisão, na resistência. Agora a mesma fé, a mesma luta, na alma e no corpo do operário que no fundo das minas e nas estradas de Minas, vivencia o trabalho e o sonho de construir um país socialista."

**TILDEN SANTIAGO**

Deputado federal PT/MG

